



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEdu)
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

IVONETE AFONSO JODAR

**MEDIAÇÃO DE CONFLITOS COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO
DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

Jaguarão

2018

IVONETE AFONSO JODAR

**MEDIAÇÃO DE CONFLITOS COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA
NA ESCOLA**

Relatório Crítico-reflexivo apresentado ao Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientador: Marta Cristina Cezar Pozzobon

Coorientador: Lúcio Jorge Hammes

Jaguarão

2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

J63m	JODAR, IVONETE AFONSO MEDIÇÃO DE CONFLITOS COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA / IVONETE AFONSO JODAR. 91 p. Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa, MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2018. "Orientação: MARTA CRISTINA CEZAR POZZOBON". 1. DOCÊNCIA. 2. VIOLÊNCIA NA ESCOLA. 3. MEDIÇÃO DE CONFLITOS. 4. CULTURA DA PAZ. I. Título.
------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

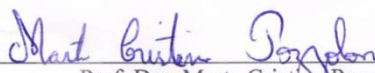
IVONETE AFONSO JODAR

MEDIAÇÃO DE CONFLITOS COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA
NA ESCOLA

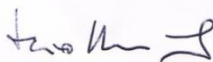
**Relatório Crítico-reflexivo apresentado ao
Curso de Mestrado Profissional em
Educação da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Mestre em
Educação.**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 05/07/2018

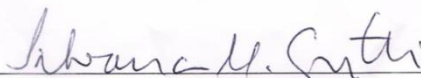
Banca Examinadora:



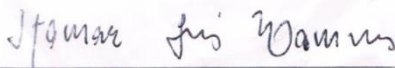
Prof. Dra. Marta Cristina Pozzobon
UNIPAMPA
Orientadora



Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes
UNIPAMPA
Co-Orientador



Prof. Dra. Silvana Gritti
UNIPAMPA



Prof. Dr. Itamar Luís Hammes
IFSUL

Dedico este trabalho ao meu filho Eduardo

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente a Deus, que me deu saúde e força para alcançar mais este objetivo em minha vida.

Ao meu filho Eduardo, que ainda criança foi meu maior incentivador para eu prosseguir.

A minha mãe Elizabete, minha gratidão.

Ao meu pai José (in memorian), minha gratidão.

Aos professores do Curso, em especial ao professor Lúcio Hammes pela colaboração e pelo apoio.

A professora orientadora Marta Pozzobon, meu agradecimento especial.

Aos colegas de trabalho, em especial aos que participaram desta construção, pela parceria, compreensão e contribuições.

Ao meu amor e companheiro Marcio Porto, que ao nos encontrarmos durante o transcorrer do Mestrado compreendeu minha ausência quando estava imersa nos estudos.

Um agradecimento afetivo fica reservado ao meu irmão, minha cunhada, meu sobrinho, simplesmente por existirem na minha vida.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta conquista.

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Paulo Freire

RESUMO

Este Relatório Crítico-reflexivo é resultado de uma pesquisa e intervenção pedagógica sobre a mediação de conflitos como estratégia de prevenção da violência na escola, com o objetivo de averiguar a importância da formação de mediadores para atuar nas situações de conflito a partir de uma cultura de diálogo, de respeito e de paz. Para tanto, realizou-se um curso de extensão de 40 horas, a partir de oficinas, com um grupo de professores de 5º a 9º ano, na Escola Municipal de Ensino Fundamental General Antônio de Sampaio no município de Jaguarão-RS. A pesquisa baseou-se nos pressupostos da abordagem qualitativa e caracterizou-se por uma pesquisa intervencionista do tipo pedagógica. Com isso, destaca-se que as ações para a prevenção da violência exigem flexibilidade do planejamento pedagógico, compreensão da situação e diálogo, na perspectiva da aprendizagem dos pressupostos de uma educação para a paz.

Palavras-chave: Docência. Violência na Escola. Mediação de Conflitos. Cultura da Paz.

RESUMEN

Este Informe Crítico-reflexivo es el resultado de una investigación e intervención pedagógica sobre la mediación de conflictos como estrategia de prevención de la violencia en la escuela, con el objetivo de averiguar la importancia de la formación de mediadores para actuar en las situaciones de conflicto a partir de una cultura de la cultura diálogo, respeto y paz. Para ello, se realizó un curso de extensión de 40 horas, a partir de talleres, con un grupo de profesores de 5º a 9º año, en la Escuela Municipal de Enseñanza Fundamental General Antônio de Sampaio en el municipio de Jaguarão-RS. La investigación se basó en los presupuestos del enfoque cualitativo y se caracterizó por una investigación intervencionista del tipo pedagógico. Con ello, se destaca que las acciones para la prevención de la violencia exigen flexibilidad de la planificación pedagógica, comprensión de la situación y diálogo, en la perspectiva del aprendizaje de los presupuestos de una educación para la paz.

Palabras clave: Docencia, violencia en la escuela, mediación de conflictos, cultura de la paz.

LISTA DE SIGLAS

CF – Constituição Federal

CIPAVE- Comissões internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar

CNE - Conselho Nacional de Educação

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

E.M.E.F – Escola Municipal de Ensino Fundamental

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação

OMS- Organização Mundial da Saúde

ONU- Organização das Nações Unidas

PME- Plano Municipal de Educação

PNDH – Programa Nacional de Direitos Humanos

PNE – Plano Nacional de Educação

RS – Rio Grande do Sul

SOE – Serviço de Orientação Educacional

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ocorrências da turma do 4º ano A.....	17
Gráfico 2 – Ocorrências da turma do 4º ano B.....	18
Gráfico 3 – Ocorrências da turma do 5º ano A.....	19
Gráfico 4 – Ocorrências da turma do 5º ano B.....	20
Gráfico 5 – Ocorrências da turma do 6º ano A.....	21
Gráfico 6 – Ocorrências da turma do 6º ano B.....	21
Gráfico 7 – Ocorrências da turma do 7º ano A.....	22
Gráfico 8 – Ocorrências da turma do 7º ano B.....	23

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da cidade de Jaguarão-RS	26
Figura 2 – Desenho sobre a violência no meio escolar	46
Figura 3 – Desenho sobre a violência no meio escolar	47
Figura 4 – Desenho sobre a violência no meio escolar	48
Figura 5 – Desenho sobre a violência no meio escolar	49
Figura 6 – Desenho sobre a violência no meio escolar	50
Figura 7 – Desenho sobre a violência no meio escolar	51
Figura 8 – Desenho sobre a violência no meio escolar	52
Figura 9 – Fotografia com o grupo de professoras participantes do curso.....	57
Figura 10 – Fotografia da oficina de formação	59
Figura 11 – Fotografia do grupo participante na oficina de encerramento	72
Figura 12 – Fotografia dos alunos da turma do 5º ano	74
Figura 13 – Fotografia do material produzido pelos alunos.....	74
Figura 14 – Fotografia do material produzido pelos alunos.....	74
Figura 15 – Fotografia dos alunos da turma do 6º ano	75
Figura 16 – Fotografia do material produzido pelos alunos.....	75
Figura 17 – Fotografia do material produzido pelos alunos.....	76
Figura 18 – Fotografia do material produzido pelos alunos.....	76
Figura 19 – Fotografia dos alunos da turma do 7º ano.....	77
Figura 20 – Fotografia dos alimentos arrecadados pelos alunos da turma do 7º ano.....	77
Figura 21 – Fotografia do material produzido pelos alunos da turma do 6º ano.....	78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL GENERAL ANTÔNIO DE SAMPAIO: UM DIAGNÓSTICO	16
3 MARCO TEÓRICO	28
3.1 Violência escolar	28
3.2 Tipos de violência.....	30
3.3 Legislação sobre a violência escolar	31
3.4 Paradigma da educação para a paz	36
3.5 Mediação de conflitos e a cultura organizacional da escola.....	38
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	41
4.1 Estratégias de ação.....	42
4.2 Procedimentos metodológicos da avaliação da intervenção.....	42
5 DISCUSSÕES E ANÁLISE DE DADOS.....	45
5.1 Trabalhando violência no meio escolar	45
5.2 Não-violência: histórico, metodologia e caminhos	56
5.3 Organizando projetos de superação das violências no meio escolar	59
5.4 A educação para a paz: história, necessidade e princípios	59
5.4.1 O que é educação para a paz?.....	60
5.4.2 Como é a relação entre alunos e professores?	61
5.4.3 Como é a relação entre alunos?	62
5.4.4 Qual é o contexto sociocultural da escola?.....	63
5.4.5 Como acontece a comunicação na escola?	63
5.4.6 Como a comunidade escolar participa do projeto pedagógico da escola?	64
5.5 Instrumentalizando a resolução não-violenta de conflitos	64
5.6 Fortalecendo pessoas para serem ativistas de não-violência	66
5.7 Encerramento com avaliação e partilha das repercussões.....	69
6 ALGUMAS REPERCUSSÕES DA INTEVENÇÃO.....	73
6.1 Projeto cultura pela Paz.....	73
6.2 Projeto paz e solidariedade	75
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICES	86

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

APÊNDICE II - Registro de Ocorrência com Alunos

1 INTRODUÇÃO

A violência no âmbito escolar, assim como a violência na sociedade tem efeitos devastadores para a vida dos cidadãos. Como orientadora educacional, percebo que cada vez mais é necessário unir forças em busca de uma sociedade mais humanizada, principalmente, pela escola vivenciar um cenário de violência de vários tipos, demandando esforço redobrado para amenizar as consequências. Atuando como mediadora entre educadores, pais e alunos na aprendizagem e formação dos alunos, percebo cenas na escola as quais denotam comportamentos cada vez mais agressivos.

A profissão de orientador educacional foi reconhecida pela Lei nº 5564/68 e regulamentada pelo decreto 72846 de setembro de 1973 (GIACAGLIA, 1997). A Lei 5692/71 veio instituir a obrigatoriedade da Orientação Educacional, reforçando o foco no aconselhamento vocacional e no ajustamento ao ensino profissionalizante. Só a partir da década de 1980 as discussões em torno das funções do Orientador Educacional se ampliaram numa realidade política mais democrática, trazendo à tona uma perspectiva de reflexões ao trabalho do Orientador, buscando a compreensão do significado de liberdade e da autonomia, trazendo a ideia de um trabalho integrado com os demais membros da escola. Na Lei 9394/96, o trabalho da Orientação Educacional não é mencionado como obrigatório, mas ao se tratar da formação de profissionais de educação, no artigo 64, o orientador educacional é mencionado e deve obter sua formação em nível superior ou pós-graduação. Nesse sentido, Grinspun (2011, p. 63) afirma que

O orientador faz a análise, junto com todos os protagonistas desse cotidiano, para que se tenha, tanto quanto possível, uma visão mais objetiva do que ocorreu neste dia-a-dia. Se a Orientação deve estar compromissada com o projeto político pedagógico da escola, a forma de melhor atuar nele, garantindo a qualidade, é conhecer sua cotidianidade.

A partir do exposto por Grinspun (2011), pode-se afirmar que é necessário um trabalho de gestão mais entrelaçado com todos os agentes que atuam no ambiente escolar. Como afirma Chrispino (2007), a sequência de episódios violentos envolvendo o espaço escolar não deixa dúvida quanto à necessidade de se trazer este tema à grande arena de

debates da educação brasileira. Também, Chrispino (2008, p.598) aponta “Que a justificativa de um trabalho sobre violência escolar é, atualmente, bastante simplificado, visto que os inúmeros episódios que se multiplicam em todo o território brasileiro, atingindo os diversos níveis de ensino, tornam o assunto de domínio público”.

Dentro desta perspectiva, foi proposta uma intervenção na Escola Municipal de Ensino Fundamental General Antônio de Sampaio, localizada no município de Jaguarão¹-RS, onde atuo como orientadora educacional, com o objetivo de implementar a formação de mediadores para atuar nas situações de conflito a partir de uma cultura de diálogo, de respeito e de paz. Para alcançar este objetivo foram propostos como objetivos específicos destacar as ações cooperativas na escola e a superação da violência; propor diferenciar as decorrências de um ambiente cooperativo de um ambiente de coação para com os alunos; construir estratégias de mediação para enfrentar as manifestações de violência no contexto escolar. A abordagem desta pesquisa caracterizou-se metodologicamente como intervencionista.

Este Relatório Crítico-Reflexivo traz resultados desta pesquisa e intervenção pedagógica desenvolvido com um grupo de professores de 5º a 9º ano, a partir de um curso de extensão universitária totalizando 40 horas de formação. A metodologia buscava evidenciar ações na escola decorrentes de um ambiente cooperativo a partir de um ambiente de coação para construir estratégias de mediação para enfrentar as manifestações de violência no contexto escolar. Os dados foram tratados com base qualitativa e caracterizou-se por uma pesquisa intervencionista do tipo pedagógica.

O Relatório está organizado para apresentar a dinâmica da pesquisa e os resultados alcançados. Após a introdução propõe-se um diagnóstico da escola onde foi desenvolvido a pesquisa, uma base teórica, importante para a pesquisa e a metodologia utilizada. Depois considera-se a discussão e a análise dos dados, destacando repercussões da intervenção e as considerações finais.

¹ Jaguarão localiza no extremo sul do Brasil, na fronteira com o Uruguai. Disponível em: http://www.jaguarao.rs.gov.br/?page_id=364 . Acesso em: 1 ago. 2018.

2 A ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL GENERAL

ANTÔNIO DE SAMPAIO: UM DIAGNÓSTICO

As atitudes de violência ao outro são vivenciadas diariamente no cotidiano escolar, com isso, percebe-se a necessidade de ações reflexivas junto aos educadores, a fim de promover novas possibilidades na atuação e compreensão sobre o tema. É um desafio social a ser enfrentado devido à complexidade de tipos existentes e de suas inúmeras manifestações. Durante o ano letivo de 2016, foram realizados registros de ocorrências, através de fichas individuais dos alunos, a fim de descrever os acontecimentos envolvendo alunos entre si e aluno com professores. Os registros foram realizados nas turmas do 1º ano até o 9º ano, excluindo-se o pré-escolar. As fichas são uma ferramenta, na qual se registram acontecimentos de cunho disciplinar. Os atos dos estudantes constituem-se, em sua maioria como atitudes agressivas², potencialmente considerados como violentos.

A partir da análise das ocorrências foi possível constatar que existem situações de agressões que identificam a violência como forma de resolver conflitos, ou até mesmo como um comportamento violento.

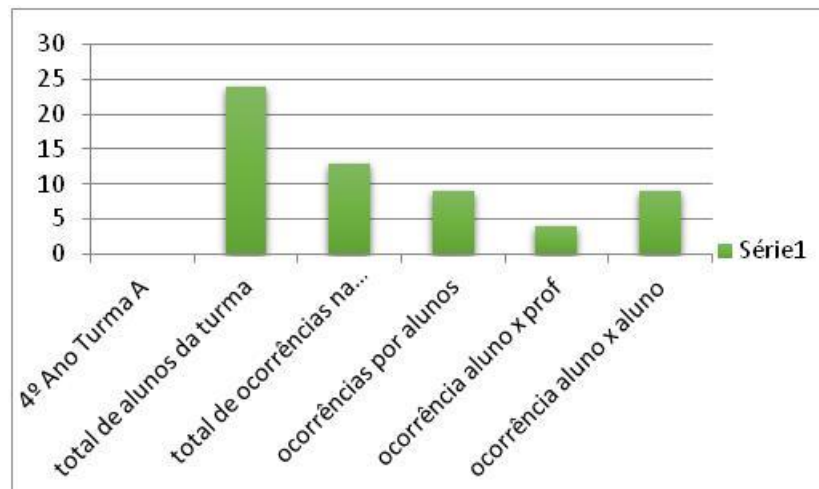
A Organização Mundial da Saúde (OMS) utiliza a seguinte definição de violência: “O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (KRUG, *apud*. ASSIS, 2010.).

Os registros foram analisados por turmas e categorizados da seguinte forma: total de alunos da turma; total de ocorrências na turma; ocorrência por aluno; ocorrência entre alunos e ocorrência entre aluno e professor. O total de alunos do 1º ao 9º ano somavam 275, destes, 71 alunos tiveram registros com reincidência, totalizando 148 ocorrências, o qual não é um dado fidedigno, pois em muitas ocasiões não foram documentados os fatos.

² Para Fernández (2005) alguns conflitos fluem com agressividade quando, de alguma forma, falham os instrumentos mediadores que permitiriam uma confrontação pacífica.

Os dados revelaram maior número de registros entre as turmas de 4º e 7º anos, conforme mostram os gráficos a seguir, e que serviram de base para a pesquisa, por isso não foram trazidos para este documento os registros das demais turmas.

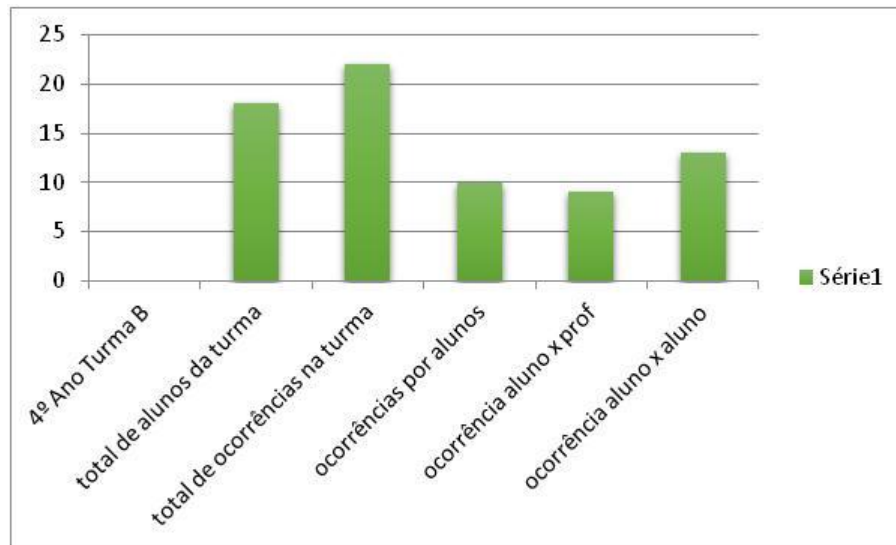
Gráfico 1 – Ocorrências da turma do 4º ano A



· **Fonte:** Pesquisa documental da Escola/ 2017

Na turma do 4º ano A com 24 alunos, aconteceram 13 ocorrências, destas nove entre alunos e 4 entre alunos e professores. Dentre os acontecimentos houveram brigas entre colegas na sala de aula na presença da professora, além da violência com que se tratam. Um dos alunos arremessou um lápis contra a professora, tentando atingi-la.

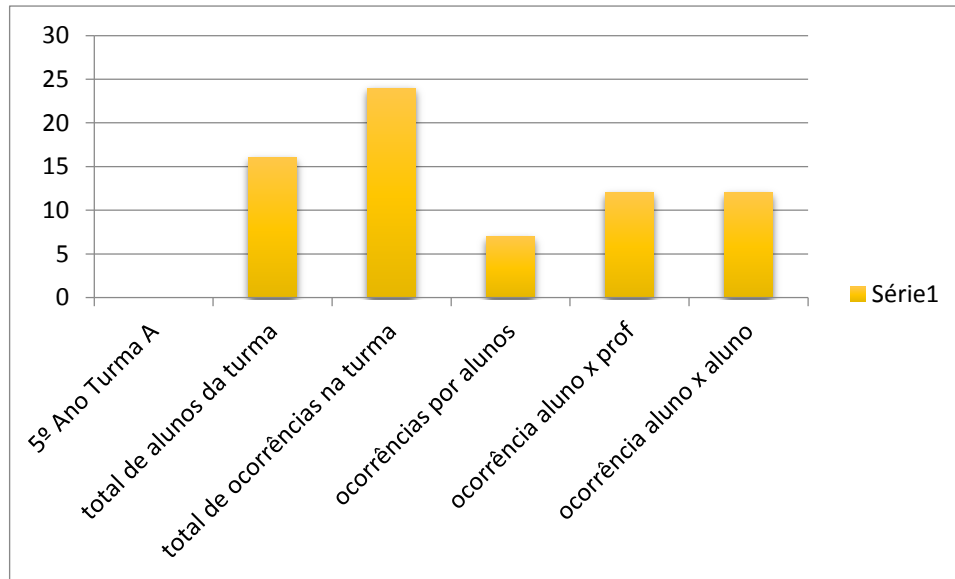
Gráfico 2 – Ocorrências da turma do 4º ano B



Fonte: Pesquisa documental da Escola/ 2017

Na turma do 4º ano B, aconteceram 22 ocorrências, destas 13 entre alunos e 9 entre alunos e professores, dentre as ocorrências, aconteceram fatos como: a supervisora da escola ouviu barulhos de chutes, gritos e choro vindos do banheiro masculino, ao chegar até lá se deparou com um aluno do 3º ano que havia sido trancado por um aluno do 4º ano o qual apresentava comportamento indisciplinado e agressivo. Outro fato importante foi o acontecimento entre 3 alunos também do 4º ano, em que dois pegaram outro colega pelos pés e mãos e o jogaram em cima de duas classes juntas, deixando-o cair no chão. O aluno machucou a coluna e chorou com muita dor. Na mesma turma, aconteceu também de um aluno jogar um tubo de caneta em outro colega, atingindo o olho, causando lesão. E, ainda, ocorreu com outro aluno da mesma turma que empurrou sua colega de cima da escada do escorregador no pátio da escola. A menina ficou machucada. Estes são alguns dos fatos ocorridos nesta turma.

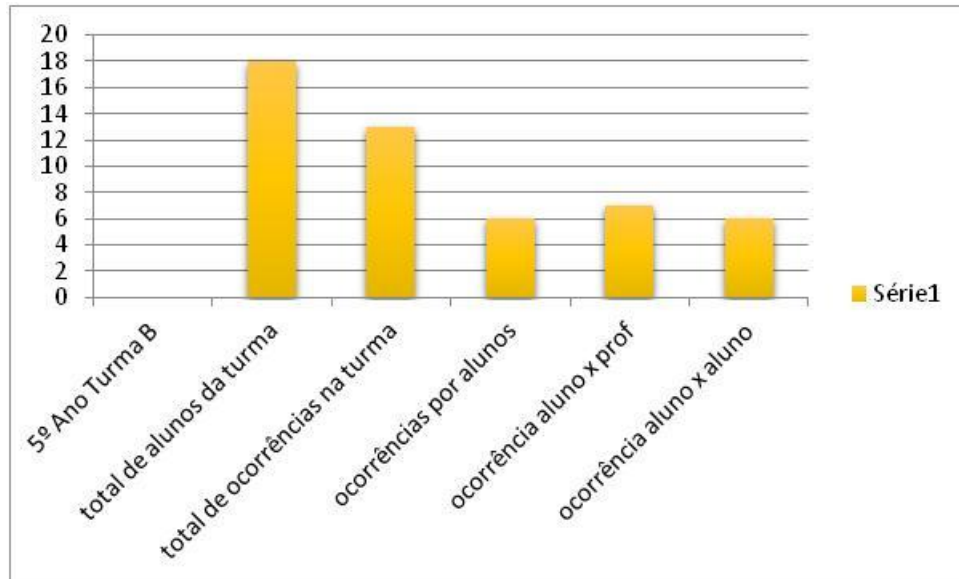
Gráfico 3 –. Ocorrências da turma do 5º ano A



· **Fonte:** Pesquisa documental da Escola/ 2017

No 5º ano A foram 24 ocorrências, 12 entre alunos e 12 entre alunos e professores. Nesta turma um dos alunos levou uma corrente de cachorro para a sala de aula e ameaçou os colegas. Quando a professora chamou sua atenção, ele respondeu que “fazia o que queria e que ninguém mandava nele”, além de falar palavrões para a professora. Este aluno frequentemente tinha problemas na sala de aula e também no pátio, sendo encaminhado para a direção. Outros alunos agrediram-se na sala de aula durante as atividades com a presença da professora. Outro aluno, além de agredir sua colega, também subiu no telhado da escola. E também aconteceram insultos verbais à professora.

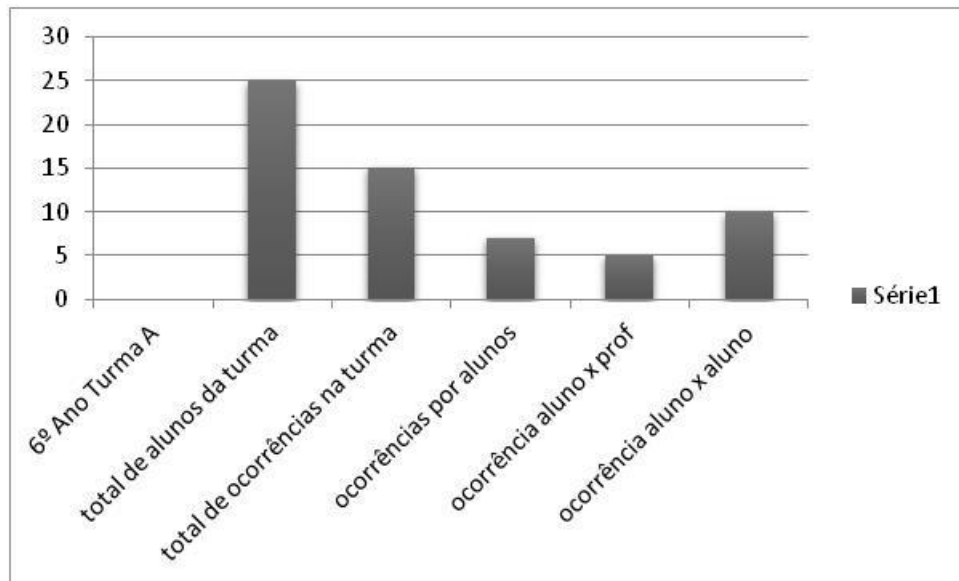
Gráfico 4 – Ocorrências da turma do 5º ano B



Fonte: Pesquisa documental da Escola/ 2017

No 5º ano B das 13 ocorrências registradas 6 foram entre alunos, 7 entre alunos e professores. Nesta turma, das ocorrências entre os alunos cito como exemplo o que aconteceu com um aluno que ao término do recreio foi encaminhado pelo funcionário até a secretaria por ter brigado com um colega, vindo a chutar a boca do menino. Outro aluno desta turma reagiu atirando a cadeira com violência sobre sua colega que solicitou que se retirasse de seu lugar. Também outro aluno jogou a folha do trabalho do colega no chão e disse “fica quieto ou vou te bater”, “me dá o livro ou te dou pau”.

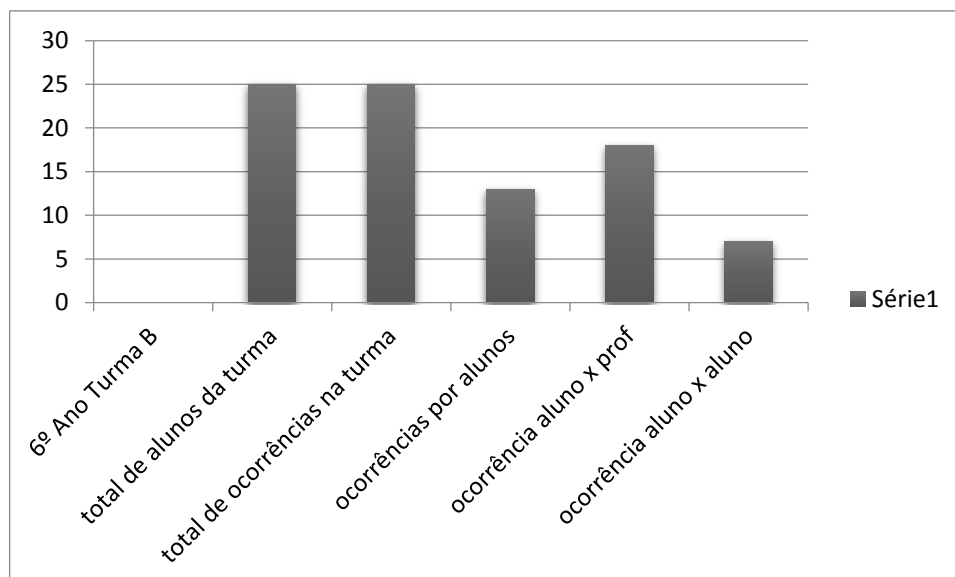
Gráfico 5 – Ocorrências da turma do 6º ano A



Fonte: Pesquisa documental da Escola/ 2017

No 6º ano A do total de 15 ocorrências, 10 aconteceram entre alunos e 5 entre alunos e professores. Nesta turma alguns alunos juntavam-se em grupo para agredir um único colega no final do recreio ou na saída da escola. Outros cinco foram retirados da sala de aula por ter insultado a professora.

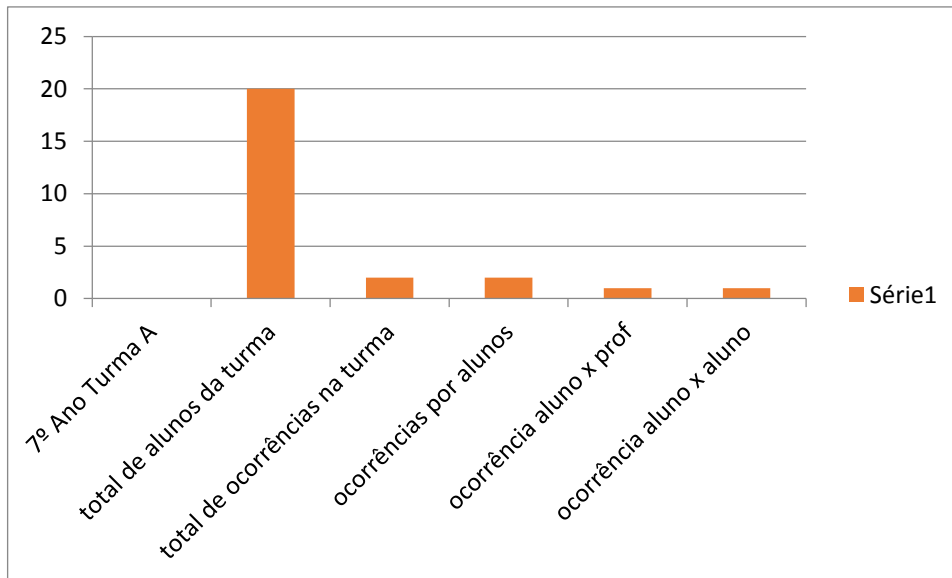
Gráfico 6 – Ocorrências da turma do 6º ano B



Fonte: Pesquisa documental da Escola/ 2017

No 6º ano B foram 25 ocorrências registradas das quais 7 aconteceram entre alunos e 18 entre alunos e professores. Entre as ocorrências desta turma, destaco o alto índice de desrespeito às professoras, como palavrões e insultos, um dos alunos encontrava-se brigando com socos com o colega e quase derrubou a professora na porta da sala.

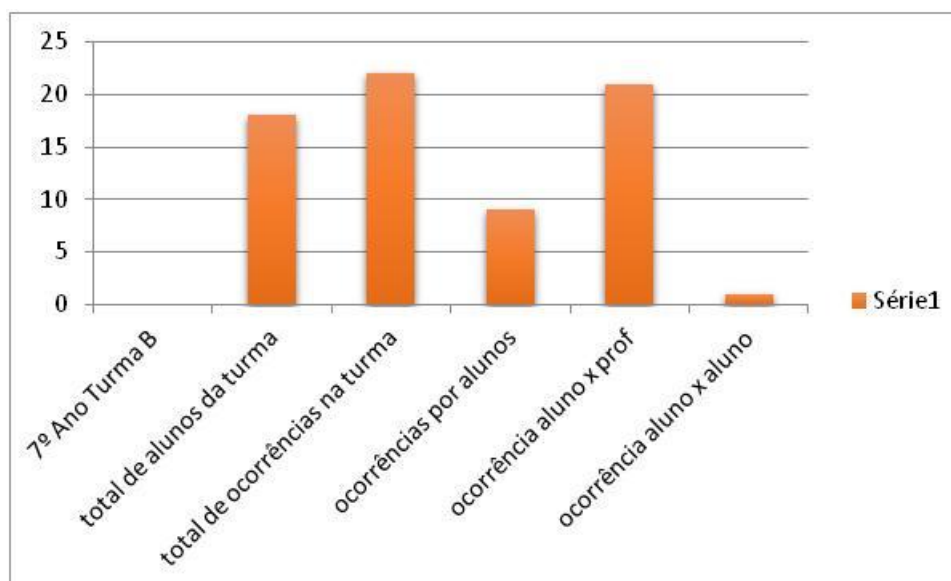
Gráfico 7 –. Ocorrências da turma do 7º ano A



Fonte: Pesquisa documental da Escola/ 2017

Na turma do 7º ano A com 20 alunos, aconteceram 02 ocorrências, destas, 1 entre alunos e 1 entre alunos e professores. As 2 ocorrências: uma delas foi de um aluno que pegou o caderno da colega e jogou na água fora da sala de aula e uma aluna que desacatou a professora, quando foi chamada sua atenção por estar atrapalhando o andamento da aula.

Gráfico 8 – Ocorrências da turma do 7º ano B



Fonte: Pesquisa documental da Escola/ 2017

No 7ºano B do total de 22 ocorrências apenas 1 foi entre alunos e as demais 21 foi registrado confronto entre alunos e professores Nesta turma, como exemplo dos fatos ocorridos, cito um acontecimento em que os alunos planejaram uma armadilha para a professora, que ao chegar à sala de aula e abrir a porta foi surpreendida por uma lixeira que veio a cair sobre sua cabeça. Após o episódio a professora solicitou afastamento da turma por alguns dias para se reconstituir do trauma. Outro fato a destacar, foi durante a aula de Educação Física quando um dos alunos foi advertido pela professora que não deveria lançar o dardo em direção aos colegas e sim em direção a quadra e mesmo assim arremessou atingindo o colega que ficou machucado na perna, sendo atendido pelo posto de saúde. As demais ocorrências caracterizaram como desacatos às professoras.

Diante disso, salienta-se que a pesquisa diagnóstica justifica a intervenção com o enfoque no enfrentamento a violência no ambiente escolar. Como diz Fernández:

Todos nós somos passíveis de cometer uma agressão, mas o fenômeno de violência interpessoal no âmbito da convivência entre escolares transcende o fato isolado e esporádico, convertendo-se em um problema escolar de grande relevância, porque afeta as estruturas sociais pelas quais deve ser realizada a atividade educativa. (FERNÁNDEZ, 2005, p. 29).

Neste sentido, foi desenvolvida uma pesquisa e intervenção, na qual participaram 11 professoras, do turno da manhã que trabalham nas turmas do 5º ao 9º anos, sob minha orientação. As professoras foram selecionadas a partir do interesse em participar da formação.

Seus nomes foram trocados por nomes fictícios a fim de manter o sigilo e a ética. Abaixo trago um quadro com os sujeitos.

Quadro 1 – Sujeitos da pesquisa

Nome	Idade	Experiência Docente em Geral	Funções - Atuais na E.M.E.F.Gen.Antônio de Sampaio	Titulação
Belinha	43 anos	19 anos	Vice-diretora	Pós Graduação em Educação
Duda	38 anos	18 anos	Professora do 5º ano	Ensino Superior
Eduarda	31 anos	12anos	Professora de Educação Física do 6º ao 9º anos	Licenciatura e Bacharelado em Educação Física
Julia	51 anos	29 anos	Professora de Português nos 6º e 7º anos	Pós Graduação em Letras
Gabriela	39 anos	20 anos	Professora de Geografia do 6º, 8º e 9º anos	Superior em Geografia e Pós Graduação em Informática Instrumental
Helena	49 anos	25 anos	Professora substituta do 5º ano	Pedagogia e Pós Graduação em Educação
Josefina	53 anos	5 anos	Professora de Ciências do 7º ao 9º anos	Licenciatura em Ciências Biológicas e Especialista em Educação Ambiental
Joana	52 anos	20 anos	Professora de Ed. Artística e Religião do 6º ao 9º a nos	Pedagoga
Letícia	61 anos	25 anos	Professora de História do 7º ao 9º anos	Licenciatura em Estudos Sociais e História
Mariana	51 anos	27 anos	Bibliotecária	Licenciatura em Estudos Sociais e Pós Graduação em História e Geografia do Brasil
Nivia	48 anos	28 anos	Professora de Espanhol do 6º ao 9º anos	Licenciatura em Letras

Fonte: material da pesquisadora.

A partir da constatação por parte dos professores, alunos e instituição da existência de conflitos no ambiente escolar, que resultam em violência, o que vem aumentando o sentimento de impotência dos professores frente a estas situações, faz-se necessário um trabalho de intervenção sobre esta temática. As dificuldades em manter uma boa relação entre professor-aluno e aluno-aluno vêm crescendo significativamente e causando conflitos diários no ambiente escolar, cujas agressões se apresentam na maioria dos casos de forma verbal,

entre colegas e entre alunos e professores, também na forma de violência física e psicológica com a prática de bullying³.

A violência no âmbito escolar acontece também a partir dos confrontos e transgressões a regras, sendo necessário refletir sobre o tema, pois além dos confrontos internos, a escola, também, vem sofrendo ao longo dos anos com depredações, invasões e arrombamentos seguidos de furtos, o que caracteriza uma situação de violência externa. Esse problema se apresenta na realidade de um número significativo de instituições de ensino em nosso país, e que tem revelado na maioria dos casos uma relação direta com o aumento significativo do consumo de drogas entre os jovens, o que se torna mais uma preocupação da instituição escolar, ou seja, debater sobre este problema e mostrar os caminhos mais saudáveis para os alunos.

Desde o ano de 2015 a escola vem sofrendo invasões no período de aula para usar a quadra de esportes, por jovens que já estudaram na escola e hoje usam de ameaça e coação contra alunos, professores e funcionários, criando assim um ambiente de insegurança, pois no início era somente para utilizar a quadra de esportes, nos últimos meses do ano de 2016, também foram vistos consumindo álcool e fumando, o que causa preocupação em relação aos alunos, principalmente aos pequenos dos anos iniciais. Os invasores também furtaram a tela de proteção que ficava acima do muro, a qual permaneceu até março de 2016.

Dados do Registro da Direção da Escola mostram que a violência é uma preocupação constante dos professores. Conforme registros, no dia 07/04/2015 houve dano ao patrimônio; em 06/05/2015 - furto seguido de ameaça; em 26/04/2016 arrombamento seguido de furto; em 15/09/2016 invasão seguida de ameaça; em 27/10/16 furto com arrombamento. Todos estes acontecimentos foram registrados em Boletim de Ocorrência Policial.

Devido a estes fatos, pela primeira vez, em 39 anos de atividade, a direção da escola viu-se em uma situação de suspender as atividades no pátio da escola, o que inclui as práticas de Educação Física, recreação e recreio, para garantir maior segurança aos alunos, professores e funcionários, indicando assim a gravidade da situação.

Neste sentido Selau e Hammes (2009, p. 17) afirma que:

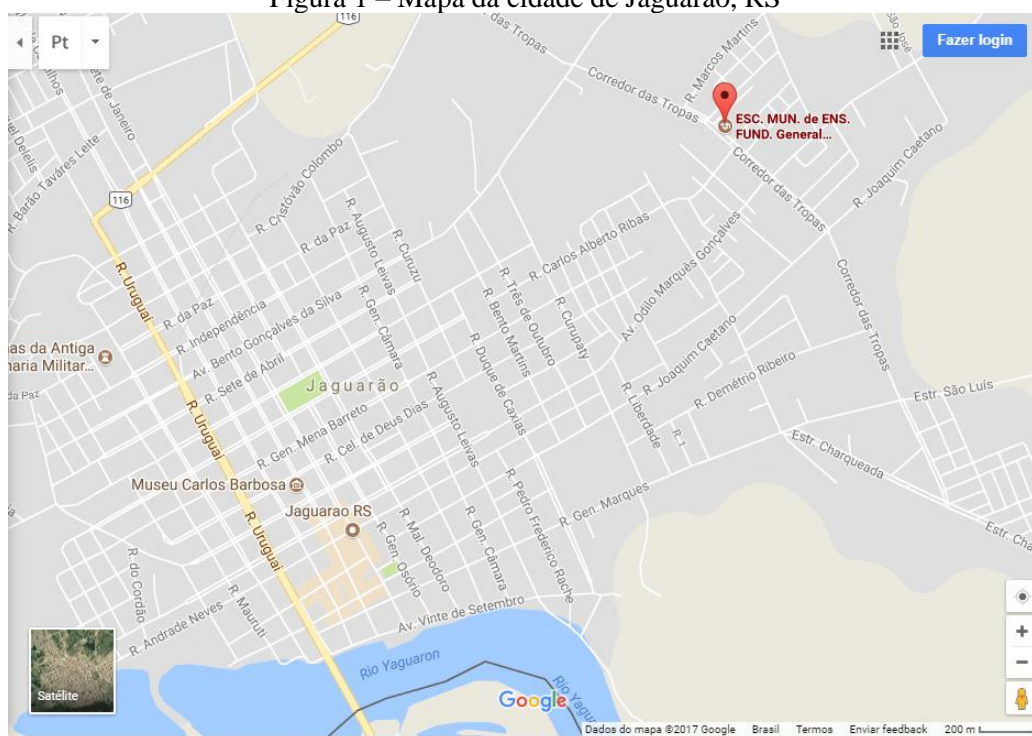
³ § 1o No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015.

A situação de hoje requer a elaboração de estudos e ações que vão ao encontro da paz duradora. Por isso, pode ser necessário elaborar novos “tratados de paz”, mas também a formação de pessoas para que possam conviver com o diferente e resolver os conflitos de modo não-violento. Propõe-se um “movimento pela paz”, com um convite especial para aqueles que mais sofreram pela falta de paz. A sociedade civil pode mobilizar iniciativas de paz antes que a crise esteja fora de controle e vidas sejam perdidas.

Assim, de acordo com os autores, a formação de mediadores de conflitos tem uma significativa importância no contexto escolar em que vivemos atualmente.

Diante disso, destaca-se que a E.M.E.F. General Antônio de Sampaio localiza-se na Vila Branca, na Rua Corredor das Tropas, 1197, zona leste do município de Jaguarão, Rio Grande do Sul. O município faz fronteira com o Uruguai. A vila fica localizada na periferia da cidade, como mostra-se na figura abaixo.

Figura 1 – Mapa da cidade de Jaguarão, RS



Fonte: Google Maps

A vila teve sua origem com a divisão de dois lotes de terrenos realizada pela senhora conhecida por “Branca”⁴, que ao ficar viúva, passou os lotes para duas filhas, que mais tarde

⁴ Branca Aurora Vergara de Menezes – Fonte : Entrevista com sua filha Eva Terezinha Menezes da Silva e ata documental da escola.

vieram a lotear em terrenos, formando assim a vila, que ganhou o nome de Branca em homenagem a sua primeira moradora. Dona Branca doou o terreno para a construção da escola, onde trabalhou como merendeira após seus 60 anos de idade, sendo uma das primeiras domésticas a trabalhar na escola no ano de sua fundação.

O prédio construído em alvenaria possui nove salas de aula, secretaria, sala de professores, laboratório de informática, refeitório, cozinha com despensa, banheiro masculino e feminino e um banheiro para professores, sala de orientação educacional, sala para supervisão, sala para coordenação do programa Mais Educação, biblioteca e sala de AEE. O recreio dos alunos acontece no pátio que tem uma grande extensão, mas sem estrutura para atividades esportivas e recreativas, não possui cobertura na quadra de esportes.

Esta instituição de ensino funciona em dois turnos, manhã e tarde, atende alunos do pré-escolar ao 9º ano, totalizando uma média de 306 alunos, conta com 33 professores, dos quais um está afastado por desempenhar cargo político, e uma professora em afastamento por motivo de saúde, 6 funcionários, dos quais têm duas em afastamento de saúde, e uma secretária para os dois turnos. A equipe gestora é composta pela diretora, vice-diretora, supervisora pedagógica e orientadora educacional.

No turno da manhã, há nove turmas, um pré-escolar, duas turmas de 5º ano, duas turmas de 6º ano, duas turmas de 7º ano, uma turma de 8º ano e uma turma de 9º ano, totalizando 168 alunos. No turno da tarde há oito turmas desde a pré-escola até o 4º ano, totalizando 138 alunos. A escola atende alunos oriundos das vilas Branca, Patacão, Lucas, Prenda e Boa Esperança e dos bairros, Sagrada Família e Carvalho, na maioria de famílias com renda baixa. É comum na localidade ocorrências de fatos policiais envolvendo algumas famílias dos alunos da escola. Do total de alunos matriculados, 46% recebem o benefício do Programa Bolsa Família. Dezesete alunos possuem necessidades especiais com registro no censo escolar, além de muitos outros com dificuldade de aprendizagem⁵, desvio de conduta e outros casos de indisciplina. Na escola também é comum a matrícula de alunos que estão sob custódia do Lar de Passagem (Casa de Abrigo de menores, os quais as famílias perderam o pátrio poder por ação judicial).

Nesse contexto foi desenvolvida a intervenção, com o objetivo de implementar a formação de mediadores a fim de minimizar a ocorrência de situações violentas na escola.

⁵ A problemática da aprendizagem é uma realidade alienante e imobilizadora que pode apresentar-se tanto individual quanto coletivamente. Em sua produção intervêm fatores que dizem respeito ao socioeconômico, ao educacional, ao emocional, ao intelectual, ao orgânico e ao corporal. Portanto para sua terapêutica e prevenção, impõe-se o encontro entre diferentes áreas de especialização: psicopedagogia, psicologia, psicanálise, pedagogia, pediatria, sociologia, etc. (FERNÁNDEZ,2001, p. 26)

3 MARCO TEÓRICO

Este capítulo traz os referenciais teóricos sobre a violência escolar, destacando os tipos de violência classificadas pela OMS, além de proposições sobre o que diz a lei em relação à violência escolar, o paradigma da educação para a paz e a mediação de conflitos e o estudo do clima e da cultura organizacional da escola.

3.1 Violência escolar

A agressividade faz parte da humanidade e, desde seus primórdios, busca distinguir o certo do errado; o moral do imoral. O ser humano procura controlar seus impulsos e lidar com suas emoções. Pertence à antropologia humana fundamental, no sentido de que ela ocupa o primeiro plano da humanidade, desde sempre. Basta reler os livros antigos, os textos sacros de várias religiões, particularmente a Bíblia para dar-se conta de que a violência é uma das dimensões constitutivas da relação humana desde a origem do laço social.

Martucelli *apud* Silva (2001) traz uma reflexão que contribui para a discussão, que é a expectativa que envolve a escola em termos de sua responsabilidade para com a formação dos conceitos éticos e morais. Afirma que na modernidade⁶, a escola, além de suas funções de transmissão de conhecimentos e de seleção social, tem sido associada a um duplo processo: “por um lado, deveria permitir a integração dos indivíduos em sua sociedade, garantindo a continuidade da vida social. Por outro, norteia-se por uma figura ideal de indivíduo, representação coletiva, à qual todos aderem de uma maneira ou de outra” (MARTUCELLI *apud* SILVA 2001, p. 258). No entanto, conclui que o que concretamente tem acontecido é o desenvolvimento de um individualismo vazio, cada vez mais voltado para as técnicas e competências individuais e cada vez menos certo de seus ideais.

Muitas vezes os professores possuem um imaginário de que a família é a única responsável por tais atitudes de conflito e fracasso escolar, o que é reproduzido durante as

⁶ É o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos...Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar... (MARX; ENGELS *apud* HAL, 2005, p. 14)

falas dos professores como: *“Os alunos estão desmotivados principalmente pela ausência da família e pelo próprio sistema de ensino, pois não há cobrança por tal aprendizagem”*. *“O descompromisso dos pais com a vida escolar do aluno”*. *“Violência no meio escolar é um tema bastante complexo, porque não há fórmulas mágicas para solucionar o problema”*; *“Acredito que os pais de certa forma, perderam o controle sobre os filhos. Há uma inversão, os filhos mandam e os pais obedecem e com isso os pais empurram o problema, para a escola resolver, o que é função deles.”*

A falta de orientação, de como se comportar em cada tipo de ambiente, faz com que apareçam atitudes de violência em qualquer espaço da escola, como as agressões constantes entre os alunos que se tornaram comuns. Os pais não conseguem lidar com seus problemas, só pela violência.

Para Piaget (2010) a educação constitui, pois, em sua opinião, a primeira tarefa de todos os povos, sobrepondo as diferenças ideológicas e políticas, ele enuncia duas regras básicas: primeiro, *“a coerção é o pior dos métodos pedagógicos”* (PIAGET, 2010, p. 17); segundo, *“no terreno da educação, o exemplo deve desempenhar um papel mais importante do que a coerção”*. Outra recomendação importante é a importância da atividade do aluno: *“Uma verdade aprendida não é mais que uma meia verdade, enquanto a verdade inteira deve ser reconquistada, reconstruída ou redescoberta pelo próprio aluno”* (PIAGET 2010. p.17). Piaget (2010) propõe uma escola sem coerção, na qual o aluno é convidado a experimentar ativamente, para reconstruir por si mesmo, aquilo que tem de aprender.

Estudos sobre este tema vêm sendo realizados há muito tempo, e surgiram a partir da experiência da Primeira Grande Guerra, sob o influxo dos movimentos de renovação pedagógica, especialmente da chamada Nova Escola. Em Genebra foi realizada a Oficina Internacional de Educação sob o título *“A paz pela escola”*. Na década seguinte, Maria Montessori lança o livro: *“Educazione e pace”*, defendendo com John Dewey uma concepção positiva de educação para a paz, pois não basta mostrar os horrores da guerra. É fundamental estimular o espírito de cooperação e a compreensão (AGUILLERA, *apud* HAMMES, 2009). Depois da segunda grande guerra, no contexto da corrida armamentista e na eclosão do movimento pacifista, a educação para a paz assume a conotação de ação e investigação pela paz, tendo nos grupos de não violência os protagonistas para tematizar a questão. Hoje, a educação para a paz revela-se como possibilidade, no próprio espaço da educação, para superar a violência no meio escolar e dar um contributo para a construção de uma sociedade não-violenta (HAMMES, 2009, p. 13).

3.2 Tipos de violência

As diferentes formas de violência são também classificadas pela OMS, segundo a ‘natureza’ dos atos cometidos. Destacamos os mais recorrentes segundo (KRUG *in* ASSIS 2010), as quais se evidenciam no meio escolar, que são:

- A violência física com o uso da força para produzir lesões, traumas, feridas, dores ou incapacidades;

- A violência psicológica com o uso de agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a pessoa, restringir sua liberdade, ou ainda isolá-la do convívio social;

- A negligência ou abandono caracterizado pela ausência recusa ou a deserção da atenção necessária a alguém que deveria receber cuidados;

- A violência interpessoal caracterizada pela violência de uma pessoa contra outra e ocorre em nível familiar e comunitário. O nível comunitário inclui estabelecimentos como prisões, locais de trabalho, abrigos e escolas.

- A violência familiar (ou doméstica): maus-tratos e abusos que ocorrem no contexto, nas inter-relações e na comunicação da família. Geralmente a noção de violência familiar relaciona-se à que ocorre entre os membros (pai, mãe, irmãos, avós, padrastos) e o termo violência doméstica se refere ao espaço do lar onde a violência ocorre.

A violência comunitária a que ocorre no ambiente do bairro de moradia, incluindo as escolas, seguida pela invasão de alunos que, embora tenham abandonado os estudos, ainda continuam matriculados e vão à escola para desfrutar de um mínimo de convívio social. Eles querem jogar bola, participar de algumas atividades, namorar, encontrar amigos. Esses jovens costumam fazer algazarra, perturbam as aulas, marcam sua presença de maneira muito forte e prejudicam o funcionamento da rotina escolar. Muitos fazem parte do contingente de evadidos da escola e poderiam ser de alguma forma, readaptados ou reintegrados. Da ação educativa dirigida a eles poderia resultar uma melhor manutenção do patrimônio e uma sensível diminuição das depredações.

Violência institucional ocorre dentro das instituições, sobretudo por meio de regras, normas de funcionamento e relações burocráticas e políticas que reproduzem estruturas sociais injustas. A fragilidade de recursos materiais, físicos e humanos, existentes em muitas escolas e a precária qualidade do ensino público oferecido à população é uma forma de violência institucional existente em muitos países e ocorre no Brasil e para finalizar destaca-se

também a violência simbólica a que ocorre por símbolos e sinais de poder, de distinção, de discriminação e de dominação.

3.3 Legislação sobre a violência escolar

Conforme a UNESCO, a violência escolar é um problema muito complexo e, portanto, é necessário contemplar numerosos fatores. As consequências da violência vêm sendo bastante debatidas, e muitas pesquisas têm sido realizadas, pois este é um problema que acomete a sociedade em geral. O número de jovens envolvidos em situações violentas vem crescendo, tanto dentro da escola como fora dela.

O problema da violência já vem de longa data. Por isso foram aprovadas Declarações e leis para inibir as ações de violência, sendo que a Declaração Universal dos Direitos Humanos é paradigmática, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1948, pouco tempo após o término da 2ª Guerra Mundial dispõe, em especial nos três primeiros artigos, o que se considera imprescindível para a humanidade. No artigo 1º diz que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.” Em seu artigo 2º diz:

que todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania. (Declaração Universal dos Direitos Humanos, p. 1)

E no artigo 3º complementa dizendo que “todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”.

Na Constituição Federal de 1988 o princípio da dignidade humana é o fundamento do Estado Democrático de Direito. Em seu artigo 1º, inciso III, ora transcrito: “Art.” 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: [...] III a dignidade da pessoa humana; em seu art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, [...]. No art. 4º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 trata dos princípios

norteadores da atuação do estado brasileiro em suas relações internacionais, elencando, entre eles, o da prevalência dos direitos humanos, in verbis: "[...] Art. 4º A República Federativa do Brasil rege-se nas suas relações internacionais pelos seguintes princípios: [...] II prevalência dos direitos humanos; [...], VI - defesa da paz; VII - solução pacífica dos conflitos; [...]"

Com relação a violência no contexto escolar conforme descrito por Murillo José Digiácomo⁷ Promotor de Justiça no Estado do Paraná o combate à violência deve buscar primordialmente suas raízes, que obviamente se encontram além dos limites da escola. Murilo destaca que a escola precisa assumir sua missão legal e constitucional de promover, junto aos educandos, "o pleno desenvolvimento da pessoa" e "seu preparo para o exercício da cidadania" (art.205, caput da Constituição Federal verbis/omissis), e não se tornar em mais um foco de opressão e desrespeito aos direitos fundamentais de crianças e adolescentes. (Murillo José Digiácomo Promotor de Justiça no Estado do Paraná)

A mesma garantia está prevista no artigo 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente "Art. 53 A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo e exercício da cidadania e qualificação para o trabalho [...] e no artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96).

Segundo o Art. 227 da Constituição Federal, "É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão".

Disposições semelhantes são encontradas na LDB 9394/96 que também destaca em seu artigo 2º, que "a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

Assim, tanto a LDB quanto o Estatuto da Criança e do Adolescente tratam dos direitos das crianças e adolescentes fazendo referência à violência. Trazendo como uma maneira mais adequada para o combate, o engajamento da escola com as famílias e a comunidade, buscando uma participação efetiva para debater sobre os problemas existentes na escola, elencados nos artigos 4º, 5º e 6º do ECA.

⁷ Murillo José Digiácomo é Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado do Paraná, integrante do Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente (CAOPCA/MPPR).

Desta forma a escola tem um papel essencial de atuação na Rede Protetiva. Sendo um espaço privilegiado para se detectar situações de violência, vulnerabilidades ou perigos envolvendo crianças e adolescentes, dentro da escola pode-se realizar a imediata atenção ao caso e os encaminhamentos necessários, cumprindo a ideia de “intervenção precoce”, trazida pelo artigo 100, inciso VI, do ECA.

Neste sentido é imprescindível buscar implantar na escola uma “Cultura de Paz, um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados no respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação [...]”. No artigo 1º, da Declaração da ONU Organização das Nações Unidas sobre uma Cultura de Paz, 1999.

A Lei Federal nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação PNE e a Lei Estadual nº 14.705, de 25 de junho de 2015, que aprova o Plano Estadual de Educação PEE orientam para a promoção do princípio do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental. De acordo com o PNE, em seu art. 2º traz como diretrizes:

III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;

V - formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade;

X - promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental.

Descrevendo como estratégias, fortalecer o acompanhamento e o monitoramento do acesso, da permanência e do aproveitamento escolar dos beneficiários de programas de transferência de renda, bem como das situações de discriminação, preconceitos e violências na escola, visando ao estabelecimento de condições adequadas para o sucesso escolar dos (as) alunos (as), em colaboração com as famílias e com órgãos públicos de assistência social, saúde e proteção à infância, adolescência e juventude; incentivar a participação dos pais ou responsáveis no acompanhamento das atividades escolares dos filhos por meio do estreitamento das relações entre as escolas e as famílias.

Na Meta 7 expõe a preocupação em relação à violência escolar ao descrever como objetivo: fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades, com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem de modo a atingir médias nacionais para o Ideb - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, trazendo como estratégia garantir políticas

de combate à violência na escola, inclusive pelo desenvolvimento de ações destinadas à capacitação de educadores para detecção dos sinais de suas causas, como a violência doméstica e sexual, favorecendo a adoção das providências adequadas para promover a construção da cultura de paz e um ambiente escolar dotado de segurança para a comunidade.

O Plano Municipal de Educação (PME) do município de Jaguarão, aprovado pela lei nº 6.151, de 25 de junho de 2015, também traz em seu artigo 2º algumas diretrizes em consonância com o PNE, das quais destaco:

III – superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;

IX- promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e a sustentabilidade socioambiental;

Uma das estratégias da meta 7 do PME assim como no PNE traz a necessidade de “Garantir políticas de combate à violência na escola, proporcionando formações continuadas para educadores em relação à violência doméstica, sexual e fortalecer as parcerias intersetoriais para fomentar este trabalho”;

O Conselho Nacional de Educação no Parecer do Conselho Pleno nº 8, de 06 de março de 2012, estabelece "Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos." Afirma o referido documento que "Os Direitos Humanos são frutos da luta pelo reconhecimento, realização e universalização da dignidade humana." E "[...] a educação vem sendo entendida como uma das mediações fundamentais tanto para o acesso ao legado histórico dos Direitos Humanos, quanto para a compreensão de que a cultura dos Direitos Humanos é um dos alicerces para a mudança social.", bem como, "[...] a educação é reconhecida como um dos Direitos Humanos e a Educação em Direitos Humanos é parte fundamental do conjunto desses direitos, inclusive do próprio direito à educação".

A Resolução CNE/CP nº 1, de 30 de maio de 2012, "Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos", no artigo 2º refere-se à Educação em Direitos Humanos como o "[...] uso de concepções e práticas educativas fundadas nos Direitos Humanos e em seus processos de promoção, proteção, defesa e aplicação na vida cotidiana e cidadã de sujeitos de direitos e de responsabilidades individuais e coletivas." Assevera, ainda, a mesma Resolução que os sistemas de ensino e suas instituições devem efetivar a EDH adotando, sistematicamente, nos processos educacionais de todos os sistemas de ensino, as diretrizes ali expressas.

No Art. 8º da mesma Resolução está posto que "A Educação em Direitos Humanos deverá orientar a formação inicial e continuada de todos(as) os(as) profissionais da educação, sendo componente curricular obrigatório nos cursos destinados a esses profissionais." Assim como, "deverá estar presente na formação inicial e continuada de todos(as) os(as) profissionais das diferentes áreas do conhecimento." E no artigo 9º, aborda que a Educação em Direitos Humanos poderá ser trabalhada de forma transversal, como disciplina específica ou de forma mista combinando transversalidade e interdisciplinaridade.

Com isso, destaca-se que algumas estratégias metodológicas já estão em prática no Estado, como é o caso da Justiça Restaurativa, que atua em situações de violência e/ou de atos infracionais e desenvolve a metodologia de liberação da palavra, a fim de criar um ambiente seguro e de confiança para que as pessoas falem de assuntos difíceis.

Ressalva-se o disposto no Art. 2º da Lei estadual nº 14.030, de 26 de junho de 2012, que "Dispõe sobre as Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar CIPAVE no âmbito da rede de ensino público estadual do Rio Grande do Sul.", ora transcrito:

Art. 2.º Compete às Comissões instituídas por esta Lei:

I - identificar os locais de risco de acidentes e violências ocorridos no âmbito escolar e arredores, fazendo mapeamento dos mesmos;

II - definir a frequência e a gravidade dos acidentes e violências ocorridos na comunidade escolar;

III - averiguar circunstâncias e causas de acidentes e violência na escola;

IV - planejar e recomendar medidas de prevenção dos acidentes e violências e acompanhar a sua execução; V - estimular o interesse em segurança na comunidade escolar;

VI - colaborar com a fiscalização e observância dos regulamentos e instruções relativas à limpeza e à conservação do prédio, das instalações e dos equipamentos;

VII - realizar, semestralmente, estudo estatístico dos acidentes e violências ocorridos no ambiente escolar, divulgando-o na comunidade e comunicando-o às autoridades competentes.

Neste contexto, o Projeto Político Pedagógico da escola Gen. Antônio de Sampaio, apresenta como filosofia humanizar, retomando valores de preservação do ambiente escolar, do meio ambiente, das relações humanas, resgatando os ensinamentos trazidos do ambiente familiar e contando também com o suporte de profissionais de outras áreas e segmentos da sociedade. Aponta como objetivo geral integrar o aluno à sociedade e ao sucesso, através de uma formação sistemática e capacitação de transformação da realidade educacional com o

comprometimento dos envolvidos num processo de ensino e aprendizagem, na humanização, na boa formação e nos valores educacionais oportunizando um espaço para a integração entre comunidade, escola, professores e alunos. Assim, reforça a preocupação em realizar um trabalho buscando a parceria com a comunidade, descrito mais especificamente em seus objetivos específicos, assim como desenvolver nos educandos conceito de justiça, compreendendo a importância do respeito às diferenças, da solidariedade valorizando o diálogo entre professor, colegas e familiares, como forma de esclarecer conflitos e tomar decisões; observar as determinações do Estatuto da criança e do adolescente (ECA) e a integração da comunidade na escola buscando orientar a família em relação à educação e problemas comportamentais dos alunos.

A UNESCO investe na promoção da cultura de paz, tendo como base a educação. Somente por meio da educação poderemos formar mentalidades mais democráticas.

O propósito da Organização é contribuir para a paz e a segurança, promovendo a cooperação entre as nações por meio da educação, da ciência e da cultura, visando favorecer o respeito universal à justiça, ao estado de direito, aos direitos humanos e liberdades fundamentais afirmados aos povos do mundo (UNESCO, 2004a).

Portanto, a proposta de intervenção pode auxiliar os professores em suas angústias para responder alguns questionamentos como: que atitudes tomar com alunos que agredem verbalmente os colegas, chegando a agressão física? E que tomar quando os pais são chamados para conversar e não oferecem retorno? Será que a atitude é de desinteresse ou pouco caso para com a situação? Qual o amparo legal para o professor que é agredido verbalmente pelos alunos?

3.4 Paradigma da educação para a paz

Para subsidiar esta pesquisa, buscamos fundamentos para o trabalho da Educação para a Paz. Segundo Nita Freire (2006, p. 391)

Fica claro que para Paulo a Paz não é um dado dado, um fato intrinsecamente humano comum a todos os povos, de quaisquer culturas. Precisamos desde a mais tenra idade formar as crianças na “Cultura da Paz”, que necessita desvelar e não esconder, com criticidade ética, as práticas sociais injustas, incentivando a colaboração, a tolerância com o diferente, o espírito de justiça e da solidariedade.

Nesse sentido, a paz deve ser pensada em uma perspectiva conceitual e pedagogicamente, com metodologias adequadas para o cotidiano escolar, dando visibilidade à temática das violências na escola. É necessário que os educadores se percebam como sujeitos agentes de transformação, que busquem através de uma prática dialógica refletir sobre os modos de convivência, de cultivo de valores capazes de provocar uma mudança de postura frente a realidade deste contexto. Como nos diz Freire temos que manter a esperança de que juntos podemos entender e intervir no mundo.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana (FREIRE, 1996, p. 80).

De acordo com o artigo 1º da Declaração da ONU, “Uma Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados: No respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação. (p.2).

Dessa forma, fica evidente o compromisso que devem ter os educadores com a formação constante, a fim de buscar elementos que tragam sustentação para sua prática, destacando o estudo sobre a identidade cultural que segundo Hall (2005, p. 75) se encontra plurificada ou mesmo inconstante na constituição dos sujeitos inseridos no atual contexto histórico da pós-modernidade, a qual sofre as influências da globalização. Hall demonstra como o processo de identidade se transformou e como os velhos conceitos acerca do tema foram sendo fragmentados até chegar no sujeito pós-moderno, o que ele chama de identidades “descentradas”. Os indivíduos passariam, assim, por uma “crise de identidade” ao se confrontarem com tantas opções de identidade: sexual, de classe, raça, etnia e nacionalidade. Essa fragmentação gera uma “crise de identidade” no sujeito, fazendo com que os processos de mudança tomados em conjunto representem um processo de transformação e nos levem a questionar não só o sujeito moderno, mas a própria modernidade.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e

cultural quanto de si mesmos- constitui uma “crise de identidade para o indivíduo. (HALL, 2005, p. 9)

No contexto escolar é preciso estar preparado para atuar com diferentes identidades, diferentes sujeitos, com suas especificidades. Isso pode ser observado em relação ao contexto em que foi realizada esta pesquisa, em que há grande diversidade de identidades, alunos oriundos de famílias de baixa renda, muitos deles onde os pais trabalham em serviços gerais no mercado informal, mães trabalhadoras domésticas, empregados na cooperativa de reciclagem de lixo, outros ainda recebem benefício BPC⁸, alunos com necessidades especiais, alunos com dificuldades de aprendizagem, famílias com envolvimento com o crime, com o tráfico de drogas, contrabandos, e outros tipos de envolvimento com ilícitos, em alguns casos os pais são presidiários, ou ex-presidiários.

Aquino (1998) faz uma reflexão acerca do sujeito e sua relação com o mundo, deve-se pensar o sujeito em relação ao lugar que ocupa no mundo e suas interfaces, para entender suas ações e atitudes a partir do enfoque sociológico.

A reflexão a cerca do paradigma da modernidade é importante para nos situarmos no espaço-tempo, segundo Santos (2002, p. 50) o “paradigma da modernidade pretende um desenvolvimento harmonioso e recíproco do pilar da regulação e do pilar da emancipação, e pretende também que esse desenvolvimento se traduza indefectivelmente pela completa racionalização da vida coletiva e individual”.

3.5 Mediação de conflitos e a cultura organizacional da escola

A escola, como instituição socializadora e mediadora dos conhecimentos, vem se deparando com o fenômeno da violência, através de cenas de agressividade entre alunos, uso de drogas, furtos, indisciplina, depredações e desrespeito com os profissionais que nela atuam, muitos professores se sentem despreparados, inseguros e intimidados para lidar com essa problemática existente no lado de dentro dos muros escolares.

Álvaro Chrispino (2007) em seu artigo Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação, apresenta o resultado de uma pesquisa sobre a importância que o jovem atribui à educação, à escola e ao professor, ao mesmo tempo em que

⁸O Benefício da Prestação Continuada da Lei Orgânica da Assistência Social (BPC/LOAS) é a garantia de um salário mínimo mensal ao idoso acima de 65 anos ou ao cidadão com deficiência física, mental, intelectual ou sensorial de longo prazo, que o impossibilite de participar de forma plena e efetiva na sociedade, em igualdade de condições com as demais pessoas.

apresenta sua preocupação com a violência. O autor discute os conceitos de conflito e de conflito escolar, trazendo fundamentação teórica sobre os tipos de conflito, relacionando aos diferentes paradigmas e contexto, apresentando inúmeras maneiras de classificar os conflitos e os conflitos escolares. Neste estudo percebe-se a preocupação em definir os tipos de conflitos existentes, buscando o entendimento a partir da reflexão científica.

Conflito é toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento. A partir disso, todos os que vivemos em sociedade temos a experiência do conflito. Desde os conflitos próprios da infância, passamos pelos conflitos pessoais da adolescência e, hoje, visitados pela maturidade, continuamos a conviver com o conflito intrapessoal (CHRISPINO, 2007, p. 15).

Segundo Chrispino (2007) um exemplo claro da dificuldade que temos para lidar com o conflito é a nossa incapacidade de identificar as circunstâncias que derivam do conflito ou redundam nele. Em geral, nas escolas e na vida, só percebemos o conflito quando este produz suas manifestações violentas.

Tardif e Raymond (2000) destacam como fenômenos importantes a serem considerados no ambiente escolar a trajetória pré-profissional e a trajetória profissional dos professores. Para estes autores saber como viver numa escola é tão importante quanto saber ensinar na sala de aula, sendo importante que os professores assimilem também saberes práticos específicos aos lugares de trabalho, com suas rotinas, valores, regras, etc.

Lück (2010), ressalta a importância do clima e a cultura organizacional escolar no sentido de constituírem-se na ambivalência em que se realiza o processo humano-social do fazer pedagógico, “o qual expressa a personalidade e características dessa ambiência”.

O processo educacional tem por objetivo o desenvolvimento social dos alunos, sua formação para a cidadania, sua realização depende sobretudo de que o ambiente escolar apresente qualidade e características compatíveis com os resultados pretendidos, isto é, que seu modo de ser e de fazer, suas relações interpessoais e sociais, seus valores, entre outros aspectos, sejam de tal natureza que correspondam aos valores e expressões da cidadania e que esses aspectos possam ser observados, analisados e compreendidos em sua vivência e que se aprenda a partir dessa experiência (LÜCK, 2010, p. 40).

Lück (2010) reconhece que ensino de qualidade é aquele que se assenta não sobre conhecimentos formais estanques, e sim sobre saberes socialmente valorizados e necessários para o enfrentamento dos desafios de desenvolvimento pessoal e social dos alunos. Neste sentido, percebe-se que as professoras não conseguiram valorizar esta virtude dos alunos,

denominando como um comportamento infantilizado o ato de cumprimentar a professora com um beijo.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa levou em consideração a abordagem metodológica da pesquisa intervencionista do tipo pedagógica. Segundo (DAMIANI *et al.* 2013) a pesquisa do tipo intervenção pedagógica é aquela por meio da qual o pesquisador planeja e intervém, com a intenção de produzir avanços e, posteriormente, avalia os efeitos produzidos. Em seu relato de pesquisa, deve contemplar dois componentes principais:

O método da intervenção deve ser descrito pormenorizadamente, explicitando seu embasamento teórico. (...) Aqui, o foco do autor do relatório deve estar voltado somente à sua atuação como professor (agente da intervenção). O método de avaliação da intervenção tem o objetivo de descrever os instrumentos de coleta e análise de dados utilizados para capturar os efeitos da intervenção. (...) tendo o foco na atuação do autor como pesquisador. A avaliação da intervenção (...) é igualmente composta por dois elementos: os achados relativos aos efeitos da intervenção sobre seus participantes e os achados relativos à intervenção propriamente dita (DAMIANI *et al.*, 2013, p. 62).

A pesquisa foi realizada por meio de uma intervenção, constituída por um curso de extensão universitária de 40h, certificado pela UNIPAMPA, no formato de oficinas numa perspectiva freiriana, propiciando a criação de um espaço em que prevaleceu a fala e a escuta qualificada. Possibilitou abordar questões difíceis, promovendo a compreensão entre os participantes, buscando a prevenção das dificuldades nos relacionamentos e ajudando na superação de conflitos interpessoais.

Para Freire e Shor (2006), a importância do exercício do diálogo na leitura do mundo a ser desvelado para o sujeito está na possibilidade de transformar-se e transformar a realidade na qual está inserido, tornando-se sujeito consciente no ato de educar.

Deveríamos entender o “diálogo” não como uma técnica apenas que podemos usar para conseguir obter resultados. Também não podemos, não devemos, entender o diálogo como uma tática que usamos para fazer dos alunos nossos amigos. Isto faria do diálogo uma técnica para a manipulação, em vez de iluminação. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem. (FREIRE; SHOR, 2006, p. 122)

Considerando a libertação, enquanto fio condutor do pensamento freiriano, que vem de encontro aos anseios de toda a convivência humana atual, a intervenção tornou-se uma rica contribuição para o estudo e a reflexão acerca dos problemas de violência que estão presentes no cotidiano da escola, embasados numa perspectiva da pedagogia libertadora que surgiu no contexto da nossa cultura e pode oferecer sustentação filosófico-antropológica a qualquer projeto de mudança que pretenda humanizar as relações sociais.

Durante o desenvolvimento das oficinas, mais especificamente no 3º momento quando aconteceu a síntese e no momento da avaliação escrita foi coletado dados que também serviram de conteúdo para análise, além de gravações e fotografias, que para Sontag (2004) um novo significado da ideia de informação construiu-se em torno da imagem fotográfica. “A fotografia é uma fina fatia de espaço, bem como de tempo... A fotografia reforça uma visão nominalista da realidade social como constituída de unidades pequenas, em número aparentemente infinito”. (SONTAG, 2004, p. 33).

4.1 Estratégias de ação

A partir da abordagem metodológica qualitativa, intervencionista foram realizados momentos de formação através de oficinas com os profissionais a fim de estudar, refletir e discutir sobre a problemática, em que foram propostos 7 encontros de formação. As oficinas se constituíram em experiências pedagógicas importantes para análise da própria intervenção e também uma oportunidade para a formação dos profissionais que atuam na escola. Segundo Candau (1995), a oficina constitui um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de um confronto e troca de experiências.

Nessa metodologia, é fundamental a criatividade, a sensibilidade, a amorosidade, a alegria, o envolvimento do educador. Na oficina pedagógica, educadores e educandos são cocriadores na produção do conhecimento. Aprender é uma aventura criadora, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito (FREIRE, 1998, p. 77).

4.2 Procedimentos metodológicos da avaliação da intervenção

Para avaliar a intervenção foram utilizadas abordagens qualitativas como métodos de coletas de dados:

a) Observações das oficinas, da participação e interação dos participantes, registradas no diário de campo, além de fotografadas. De acordo com Falkembach (1987), o diário de campo consiste no registro completo e preciso das observações dos fatos concretos, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do profissional/investigador, suas reflexões e comentários. O diário de campo facilita criar o hábito de observar, descrever e refletir com atenção os acontecimentos do dia de trabalho, por essa condição é considerado um dos principais instrumentos científicos de observação e registro e ainda, uma importante fonte de informação para uma equipe de trabalho. Os fatos devem ser registrados no diário o quanto antes após o observado para garantir a fidedignidade do que se observa.

b) análise documental produzidos nos encontros, como desenhos, papelógrafo⁹, avaliação individual, trabalhos em grupo (LÜDKE, ANDRÉ, 1986, p. 25). Tais dados passaram por um processo de análise textual qualitativa (MORAES, 2003), os quais foram descritos de forma detalhada a partir do curso de extensão universitária, no formato de oficinas na perspectiva freiriana, cuidando do como e o porquê do método de intervenção realizado.

Nesta pesquisa a análise dos dados acontece através da metodologia de análise de conteúdo, conforme Moraes (1999, p. 02):

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

Esta metodologia de análise de dados foi escolhida pois, segundo Moraes (1999) permite o aprofundamento na compreensão dos fenômenos que são objeto de estudo das pesquisas qualitativas, sendo possível utilizar-se de instrumentos variados de coleta de dados. Nesse sentido, o autor afirma que

A matéria-prima da análise de conteúdo pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não-verbal, como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos auto-biográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos, etc. Contudo os dados advindos dessas diversificadas fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando, então

⁹⁹ Uso de papel tipo folha ofício A4; cartolina para confecção de cartazes.

ser processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo (MORAES, 1999, p. 2).

5 DISCUSSÕES E ANÁLISE DE DADOS

Apresento a seguir a análise das oficinas de formação, observando atentamente as questões relacionadas às atividades propostas, procurando destacar algumas categorias que surgiram durante a análise, assim como dialogar com os dados e informações do diagnóstico da pesquisa, buscando aprofundar questões a partir destes dados.

As oficinas de formação aconteceram na escola entre os meses de agosto e dezembro, totalizando 7 encontros, com períodos reservados ao estudo e realização de atividades propostas durante os encontros, caracterizando assim o curso de extensão universitária - “Mediação de conflitos escolares como estratégia de prevenção da violência na escola”.

5.1 Trabalhando violência no meio escolar

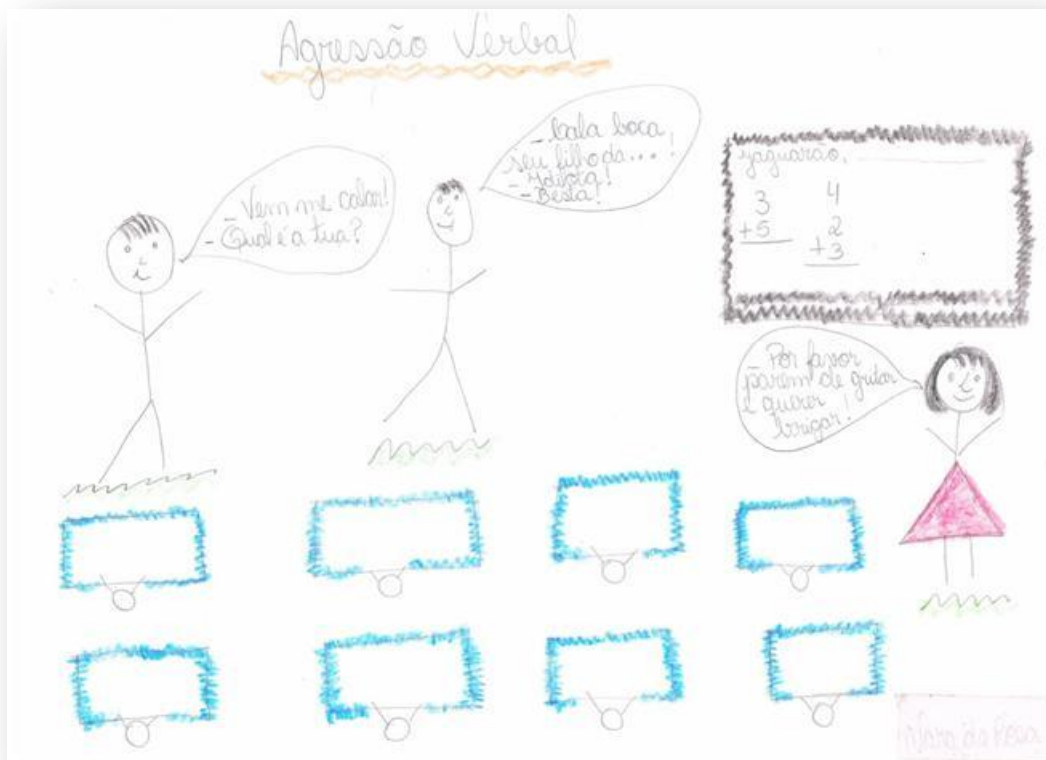
A primeira oficina aconteceu no dia 31 de agosto de 2017 nas dependências da escola, com o grupo de professoras que se inscreveram, conforme os critérios de seleção, delimitados a partir dos resultados do levantamento de dados preliminares: professoras que lecionam do 5º ao 9º ano; a bibliotecária; e a vice-diretora. Na oportunidade foi apresentado o cronograma do Curso, os temas a serem estudados e os objetivos de cada formação, os participantes assinaram o termo de consentimento.

O objetivo desta oficina foi possibilitar uma reflexão sobre a problemática da violência social no meio escolar e incentivar a busca coletiva de alternativas de superação, o que é uma realidade no contexto escolar.¹⁰ O primeiro momento foi a acolhida e sensibilização, aproveitando a dinâmica do desenho. Foi solicitado as participantes que desenharem uma situação de violência no meio escolar que mais lhe preocupava, enquanto ouviam uma música. A dinâmica possibilitou uma explosão de ideias; a partilha dos sentimentos pessoais, descobertas e percepções acerca da temática. Percebi que as professoras participaram demonstrando interesse sobre a temática, falaram sobre o assunto, expuseram suas ideias, Na

¹⁰ Na noite anterior por volta das 23h e 30min a escola sofreu mais um arrombamento. Arrombaram a janela da cozinha, entraram e furtaram frango congelado do freezer, que serviria para a merenda dos alunos. O alarme disparou, a agência de monitoramento informou a diretora que imediatamente foi para a escola acompanhada da Brigada Militar. O(s) indivíduo(s) que furtou(aram) a escola não foi (ram) pego (s), nem identificado(s) pelas câmeras. Este foi mais um fato relevante que destaca a violência no contexto da escola.

atividade de desenho algumas participantes demonstraram certa dificuldade, que expressaram verbalmente, “não sei desenhar”, mas isto não as impossibilitou de expressar através do desenho situações que são consideradas por elas como violência no ambiente escolar, onde se destacou a falta de respeito entre os alunos; agressão verbal; bullying; falta de respeito com os funcionários e professoras o que foi evidenciado nas figuras abaixo.

FIGURA 2 – Desenho sobre a violência no meio escolar



Fonte: Pesquisa e intervenção na escola

Através da figura, a professora expressou a evidência de agressão verbal entre os alunos na sala de aula e também sua dificuldade em manter o respeito entre eles. Este desenho representa uma turma de 6º ano.

FIGURA 3 – Desenho sobre a violência no meio escolar



Fonte: Pesquisa e intervenção na escola

Esta figura representa a turma de 5º ano, em que a professora tenta mostrar a agressão verbal entre os alunos, a prática de bullying com um dos colegas da classe.

FIGURA 4 – Desenho sobre a violência no meio escolar



Fonte: Pesquisa e intervenção na escola

Nesta figura, a professora representou dois alunos que se agredem verbalmente, e segundo seu relato é comum e rotineiro entre eles. Os alunos representados estudam no 7º ano.

FIGURA 5 – Desenho sobre a violência no meio escolar



Fonte: Pesquisa e intervenção na escola

Nesta figura, a professora Joana referiu-se a agressão física praticada pelos alunos em sala de aula.

FIGURA 6 – Desenho sobre a violência no meio escolar



Fonte: Pesquisa e intervenção na escola

A professora Nivia destacou na figura a desarmonia entre as professoras em ocasiões de reuniões na sala dos professores, salientando que muitas vezes “falta respeito entre os professores, desencadeando motivos para agressividade”, revelando que as agressões verbais não acontecem somente com os alunos.

A professora Letícia complementou dizendo “a gente critica os alunos na sala de aula, mas fazemos a mesma coisa”. Em seguida a professora Kaciane desabafou sobre as reuniões que acontecem na escola, colocando que são poucos os momentos oportunizados para o diálogo, ou seja, que muitas vezes “não somos ouvidas pela direção e supervisão, gerando conflitos”. Outro conflito destacado pela professora, segundo sua fala “é o mandar”, “as imposições, poderiam ser mais flexíveis”, considerando como desrespeito e uma situação de conflito de fato. Considera necessário ser ouvida, “não ouvir tanta ordem, e ser mais ouvida”.

FIGURA 7 – Desenho sobre a violência no meio escolar



Fonte: Pesquisa e intervenção na escola

A professora Eduarda expressou como situação de violência a agressão verbal, que considera igual entre os meninos e meninas. Destacou também as más condições físicas oferecidas na escola, e por este motivo “não tem um incentivo, falta um brilho no olho”.

FIGURA 8 – Desenho sobre a violência no meio escolar



Fonte: Pesquisa e intervenção na escola

A professora Helena, que faz as substituições nas turmas de 5º ano, colocou, que o que lhe chama mais a atenção é a agressividade dos meninos em relação as meninas, “eles não têm mais a visão de respeito com a mulher, isto me chama mais a atenção, eles não têm mais respeito com a figura feminina... às vezes eles humilham as meninas”.

As professoras Joana e Letícia entraram no debate, confirmando que existe muita agressividade dos meninos com as meninas, e falta de respeito entre eles. “As gurias batem nos guris, acho que é a maneira que elas têm de se defender”.

Guimarães (2006, p. 14) afirma que “a reação sempre é limitada, porque resposta a algo. É preciso começar a construir proposições e alternativas. Não basta reagir à violência ou à cultura de violência, mas é preciso pensar como construir uma sociedade verdadeiramente pacifista e uma cultura de paz”.

Assim o debate se encaminhou para a introdução do segundo momento da formação marcado pelas percepções e aprofundamento do tema/problema e a introdução à temática, a

partir do estudo em grupo do texto: “Se queres a paz, prepara-te para a paz”, com a tarefa de apresentar destaques da leitura. Logo em seguida foi realizada a plenária com as participantes.

O Terceiro momento foi dedicado a síntese do estudo, em que as participantes responderam individualmente as seguintes questões:

- O que entendes por violência?
- O que entendes por conflito?

Em seguida aconteceu a plenária, na qual as participantes puderam contribuir com suas ideias, as quais considere importante fazer o registro, a fim de distinguir o que é violência e o que é conflito.

PROFESSORA	O QUE ENTENDES POR VIOLÊNCIA?	O QUE ENTENDES POR CONFLITO?
Belinha	Agressão física, verbal, psicológica.	Situações que provocam descontentamento seja por injustiças, impunidades.
Duda	Violência é quando a agressividade é usada para relacionar-se.	Conflito é quando há divergência de opiniões.
Eduarda	Toda e qualquer ação, atitude em relação ao outro ou a mim mesmo, que invada, agrida ou provoque sentimento de desagrado físico e emocional.	Discordância entre duas pessoas ou mais que resulte em algum tipo de desconforto, desrespeito ou até agressões (física/verbal) e que precise de intervenção para ser solucionado.
Julia	Violência verbal ou física é a maneira de ofender, agredir quer que o outro se sinta inferior e assim magoá-lo.	Conflito são ideias, situações contrárias.
Gabriela	Qualquer forma de desrespeito.	É quando as ideias, opiniões, pensamentos não são iguais em um ambiente e não há respeito de ambas as partes.
Helena	Toda a atitude que machuca, agride verbalmente ou fisicamente diminuindo a autoestima e acarretando no outro sofrimento emocional ou físico.	Conflito são atitudes adversas nas relações existentes na sociedade no convívio entre as pessoas.
Josefina	Gestos, palavras e atitudes que desestabilizam alguém. Situações que geram sentimentos negativos como ressentimentos, mágoas, ódio, etc.	Pensamentos que não se encontram pois partem de visões diferentes sobre determinado assunto.
Joana	Toda e qualquer atitude, que venha agredir moral, física ou emocionalmente uma pessoa.	Uma divergência de opiniões.

Letícia	Violência é uma agressão física ou psicológica com o outro. Na escola ocorre mais a violência psicológica, difícil de mensurar.	Conflito é tudo aquilo que desvia o ser humano da sua normalidade e o impede de ser feliz, que é um direito constitucional.
Mariana	Toda a agressão realizada por meio de fala, gesto, atitude que constranja o indivíduo.	A situação que não pode ser mediada por meio de uma conversa. Atitude desajustada oriunda de algum descontrole que pode ser interno ou externo. Indivíduo mal resolvido internamente.
Nivia	Na minha opinião, violência pode ser todo o tipo de agressão como: física, verbal ou psicológica.	Quando há divergência de opinião ou atitudes e ausência de respeito em relação a essa divergência.

Guimarães (2006, p. 12) afirma que é preciso proceder a uma delimitação de conceitos, pois “tratar de violência e paz é tratar de temas complexos, que não se esgotam numa primeira análise e abrangem um vasto complexo de causas e variáveis: psicológicas, sociais, econômicas, culturais, etc.”. Com isso, analisando as respostas das professoras, percebe-se que consideraram violência sob os aspectos da agressão física, verbal e psicológica, considerando o que de fato acontece na escola, e sobre o conceito de conflito nem todas as participantes consideraram como divergência de opiniões, de forma positiva e que o conflito são pensamentos que não se encontram, pois partem de visões diferentes sobre determinado assunto. As professoras demonstram através de suas ideias que existe ainda certa disparidade sobre o que realmente deve-se considerar o conflito. Buscando sustentação em Maldonado (1997, p. 96) ao dizer que

os conflitos são inerentes aos processos sociais e são forças propulsoras básicas da sociedade, também como se constituem em fatores do crescimento humano. A resposta que se dá aos conflitos é que os torna negativos ou positivos, construtivos ou destrutivos. A questão é como resolvemos os conflitos, se por meios violentos ou não-violentos. “Para construir uma cultura de paz é preciso mudar atitudes, crenças e comportamentos, até se tornar natural resolver os conflitos de modo não violento (por meio de acordos) e não de modo hostil”.

De acordo com as colocações das professoras é possível considerar que algumas delas já percebem que o professor também pode ser agente causador de situações desencadeantes de violência, a partir do modo como conduz suas aulas, no trato com os alunos ou com os próprios colegas. Freire (1998, p. 117) afirma em seu livro *Pedagogia da Autonomia* que

ensinar exige liberdade e autoridade, destacando sua intolerância ao “direito que se dá a si mesmo o educador autoritário de comportar-se como o proprietário da verdade”. Assim como ensinar exige saber escutar, o que pelas colocações das professoras ficou evidente que há a carência de diálogo e a necessidade de escuta por parte dos professores.

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar [...]significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. (FREIRE. 1998, p. 135)

De acordo com as palavras de Freire, é imprescindível a escuta entre os sujeitos para desenvolver a capacidade de exercer o direito de se posicionar diante de diferentes pontos de vista.

Encerrando este encontro foi realizada a avaliação de forma espontânea, em que os participantes registraram ideias e sugestões trazidas pela oficina, e perguntas a serem ainda discutidas nos próximos encontros, finalizando com a socialização das ações. Quanto as ideias e sugestões trazidas pela oficina as professoras registraram suas percepções.

Esta oficina foi de grande valia para minha prática em sala de aula, pois pude falar e ouvir angústias muito parecidas com as minhas. (professora Duda)

Minha sugestão é o professor como exemplo em sala de aula, agente educador não de punição e castigo. (professora Eduarda)

A oficina expôs como a falta de diálogo e argumento gera a violência. A falta de conhecimento e esclarecimento também se associam a violência. Então a escola tem o papel de formar um cidadão sadio que fale e aja com sabedoria em todos os setores da vida. Isto pode acontecer através de Projetos em que o educando se veja como um autor da história. (professora Leticia)

É necessário estarmos sempre discutindo estratégias para combatermos a violência na escola, porém partimos do pressuposto que a violência existe entre os alunos apenas. O professor também pode se sentir fragilizado por situações das quais não tem controle como exemplo a entrada de pessoas estranhas com o intuito de agredir, roubar, etc. que geram insegurança. (professora Josefina)

Quanto aos questionamentos a serem ainda perseguidos e discutidos durante a formação destaco as seguintes ideias:

Como tentar resolver conflitos em sala de aula, buscando haver respeito mútuo entre todos os alunos? (professora Gabriela)

Como poderemos convencer os alunos a conviver com harmonia e paz? (professora Joana).

Acredito que descobrir ações efetivas de como evitar violência na escola, seja nossa maior ambição neste momento. (professora Duda).

O que há atrás do silêncio? Será a paz? Será a solução do problema e esquecimento? (professora Leticia).

Qual a melhor forma de amenizar as relações de conflito e até mesmo de violência verbal, física ou psicológica no dia-a-dia do professor e alunos? (professora Nívia)

Projetos de mediação como implementar? (professora Eduarda)

Foi possível através desta primeira oficina de formação, desencadear importantes reflexões a respeito do contexto da escola, o ambiente de trabalho e os diferentes pontos de vista das professoras, assim como despertou de forma significativa o interesse pelo estudo e aprofundamento da temática.

5.2 Não-violência: histórico, metodologia e caminhos

A 2ª oficina de formação aconteceu no dia 22/09/17, na escola, após o horário das aulas. Neste dia estava chovendo muito, não compareceram todas as participantes. No primeiro momento da oficina foi realizada a acolhida e sensibilização através da dinâmica “pessoa para pessoa” com o objetivo de despertar a atenção e o tempo de reação.

Uma música soa, as participantes começam a dançar; quando a música para, cada pessoa abraça a outra. A música continua, os participantes começam a dançar, se querem, podem dançar com o companheiro. Na próxima vez que a música parar se abraçam três pessoas. O abraço vai ficando cada vez maior até chegar a um grande abraço final. Neste momento foi percebido a integração do grupo na realização da dinâmica, e o despertar da importância do afeto para o ser humano.

Figura 9- Fotografia com o grupo de professoras participantes do Curso



Fonte: material da pesquisadora

No segundo momento dedicado a percepção e aprofundamento do tema/problema foi realizado o estudo do texto “Rejeitar a violência: O primeiro princípio da ação não-violenta é a não-cooperação com tudo que é humilhante” de Mahatma Gandhi. Após as discussões e a partir do destaque das ideias do texto, partimos para o terceiro momento da oficina, em que a proposta foi a síntese, seguida da reconstrução da prática, na qual se formou pequenos grupos para, a partir do referencial estudado, planejar uma ação pedagógica que possibilite aprofundar e utilizar, no meio escolar, os princípios da não-violência. Esta atividade proporcionou as participantes pensarem em algumas propostas de projetos a partir do estudo, e do referencial teórico, que possibilite uma ação pedagógica com os alunos. A professora Josefina sugeriu formar grupos e levar questões para discussão. Por exemplo: que tipo de violência acontece cotidianamente na escola? Como podemos modificar e aplicar atitudes de paz? É possível uma sociedade pacífica sob todos os aspectos? Após as discussões em grupos, realizamos uma plenária para apresentação de cada grupo. Como culminância, planejamos convidar alguém da comunidade para conversar sobre o assunto abordado.

A professora Gabriela pensou em uma ação pedagógica que para ela seria importante para a realidade da escola, sobre o bullying, pois segundo a opinião da professora tem muitos casos na escola. Então seria interessante uma discussão sobre o assunto, pesquisas, confecção de cartazes, palestras com vários segmentos da sociedade, entre outras ações. A professora Mariana destacou a importância de trabalhar as diferentes situações que levam ao abalo emocional e outras que estimulam a autoestima e a confiança do aluno para assim possibilitar

um convívio social e harmonioso em todos os ambientes. A sugestão da professora Duda seria trabalhar o assunto com os alunos através da dramatização, em que a turma poderia ser dividida em grupos e cada grupo receberia um tema como por exemplo: respeito das regras, resolução de problemas através de conversa, respeito às diferenças entre outros. Assim os grupos discutiriam o tema proposto e apresentariam seu teatro à turma.

Ao final da oficina de formação, as participantes preencheram a ficha de avaliação referente ao módulo de estudos, respondendo a seguinte questão: Qual sua opinião e sugestões trazidas por esta oficina?

Muito proveitosa, pois podemos debater algumas ideias e, dessa forma, refletir e melhorar nossas práticas. (professora Josefina)

Ótimas, pois faz com que se pense melhor sobre conflitos e violência, tentando achar soluções viáveis para tentar solucionar. (professora Gabriela)

Muito válida para nossa atuação enquanto professores. Espaços de trocas e reflexões positivas e esclarecedoras. O tema é importante e muito presente em nosso ambiente escolar e as oficinas nos proporcionam diálogo e discussão necessárias no grupo. (professora Belinha)

A formação vem de encontro a realidade, estou gostando acredito que na medida que for sendo ministrada a formação outras ideias surgirão para somar no conhecimento de todos. (professora Mariana)

Acho de total importância, visto que situações de conflitos e violência na escola apesar de frequentes não são de fácil solução, precisamos muito de orientação pois um conflito mal resolvido pode deixar marcas na personalidade do aluno além de poder evoluir para uma situação de violência grave. (professora Eduarda)

Esse assunto é muito produtivo, pois nos faz refletir sobre como superar um dos nossos maiores desafios em sala de aula. É muito bom trocar ideias com os colegas que nos fazem sentir mais confortáveis em nossas atitudes, nos dando ideias de como agir na mediação de conflitos. (professora Duda)

De acordo com as colocações das professoras ficou evidente a necessidade de um espaço de troca, de escuta e de diálogo, na escola. As professoras consideraram a formação importante, pois tratou de um tema presente no ambiente escolar.

5.3 Organizando projetos de superação das violências no meio escolar

A 3ª oficina foi realizada em 18/10/17, com o objetivo de possibilitar uma síntese teórico-prática sobre os temas estudados e incentivar a elaboração de projetos de prevenção à violência e educação para a paz. Em razão do tempo esta oficina foi desenvolvida fora do esquema habitual. Para iniciar a oficina foi realizada uma tempestade de ideias a partir das questões: o que é um projeto de prevenção à violência e educação para a paz? Quais são seus pontos essenciais? Foi discutido também em consenso com o grupo os pontos fundamentais de um projeto, como título, área de abrangência, cenário, objetivos, público-alvo, princípios e valores, metas, indicadores, metodologia e recursos.

5.4 A educação para a paz: história, necessidade e princípios

Esta oficina aconteceu no dia 25/10/17, com o objetivo de desenvolver a importância e necessidade de uma educação para a paz e socializar a história, princípios e objetivos da educação para a paz. Todas demonstraram interesse no assunto, o tempo da oficina foi bem aproveitado por todos os participantes. Foi apresentado o tema da educação para a paz, após o momento de acolhida e sensibilização, seguindo um momento de aprofundamento do tema.

Figura 10 – Fotografia da oficina de formação



Fonte: material da pesquisadora.

No terceiro momento dedicado a síntese, foi proposto as participantes as seguintes questões:

O que é educação para a paz?

Como é a relação entre alunos e professores?

Como é a relação entre alunos?

Qual o contexto sociocultural da escola?

Como acontece a comunicação na escola?

Como a comunidade escolar participa do projeto pedagógico da escola?

Considero este um dos momentos mais importantes desta oficina, pois as professoras participantes da formação foram desafiadas a refletirem sobre questões relacionadas com o ambiente escolar, o qual é influenciado por atitudes de alunos, professores e demais agentes que se relacionam na escola. De acordo com as palavras de Freire (1998), é imprescindível a escuta entre os sujeitos, para desenvolver a capacidade de exercer o direito de se posicionar diante de diferentes pontos de vista.

A seguir apresento as respostas dadas as questões trabalhadas pelo grupo analisando a luz dos autores, estudados para o embasamento desta pesquisa.

5.4.1 O que é educação para a paz?

A educação para a paz tem seu legado histórico produzido através do tempo, a partir da Primeira Guerra Mundial. A estruturação dessa história, segundo Jares (2002), apresenta-se em quatro grandes marcos geradores: o primeiro, o nascimento da Educação para a Paz, no início do século XX conhecido como Escola Nova; o segundo marco o nascimento da UNESCO, no final de 1945, cujo trabalho prossegue até os dias atuais; o terceiro marco conhecido como A Educação para a Paz a partir da Não violência, teve sua raiz no continente asiático, inicialmente no âmbito religioso, a partir da ideologia de Gandhi e o quarto grande marco, nasce dos pressupostos de uma nova disciplina, a Pesquisa para a Paz, onde a grande contribuição está no plano conceitual de paz (JARES, 2002)

Para a formação este tema foi considerado importante para o estudo, a fim de contextualizar historicamente, buscando o embasamento teórico sobre o assunto.

De acordo com as palavras de Guimarães (2006, p. 42)

a educação para a paz apresenta-se como um dos mapas sociais que possibilitam orientações novas, reorientações e mudanças de posicionamentos em relação à violência e, ao mesmo tempo, um espaço onde as pessoas firmam-se como militantes pacifistas e de direitos humanos, inserindo-as no quadro global da humanidade que caminha para a paz e tornando-se uma experiência de descoberta e de articulação com as múltiplas frentes de promoção dos novos paradigmas.

De acordo com as palavras de Hammes (2009, p.15) a Paz se aprende; a Paz se ensina; a paz se constrói empoderando pessoas; se constrói a partir da não-violência; A paz se constrói num processo dialógico-conflitivo.

Analisando as respostas das professoras quando questionadas sobre o que é educação para a paz, podemos considerar certa compatibilidade de opinião em seu conjunto. Vejamos a fala da professora Duda, que considera a educação para a paz como atitudes que podem inibir a violência: Educação para a paz é, através de atitudes, resolver conflitos de forma que quebre o ciclo de violência. Nas palavras da professora Julia: Educação para a paz é a procura de se viver num ambiente de harmonia, de sossego. Para a professora Mariana a educação para a paz significa: Uma educação voltada a promover a formação plena do indivíduo capaz de torná-lo um ser interior, ou seja, mais voltado a administrar seus sentimentos, promovendo paz, justiça, felicidade, amizade para um convívio harmonioso nas diferentes etapas e esferas da vida em sociedade.

Observa-se que a visão de paz para as professoras encaminha-se para um estado de harmonia entre os sujeitos. Essas ideias de aproximam das discussões de Rayo (2004, p. 164) ao abordar sobre os valores democráticos e finalidades educativas, nas quais destaca que a educação deve desenvolver a capacidade de resolver os conflitos com métodos não-violentos, promovendo também o desenvolvimento da paz interior, referindo-se aos dons de tolerância, solidariedade e atenção para com os demais. Além destes valores a educação para a paz configura-se em uma amplitude bem maior, assim como defende a UNESCO como

o conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e modos de vida fundados sobre uma série de aspectos, como, por exemplo, o respeito à vida, ao princípio de soberania, aos direitos humanos, à promoção de igualdade entre homens e mulheres e à liberdade de expressão; o compromisso de resolver pacificamente os conflitos; os esforços desenvolvidos para responder às necessidades planetárias; a promoção do desenvolvimento dos e entre os povos. (GUIMARÃES.2006, p.39)

Assim uma Educação para a Paz configura-se no entendimento e compreensão do que é violência, na clareza dos conflitos geradores, buscando a partir do processo pedagógico de mediação, a resolução pacífica dos conflitos com a não-violência.

5.4.2 Como é a relação entre alunos e professores?

Em relação ao relacionamento entre alunos e professores, destaco alguns pontos de vista colocados pelas participantes, que são importantes para a análise do contexto da pesquisa. De acordo com a professora Duda “para os educandos, na sua maioria, é normal

tratar colegas e professores de forma desrespeitosa”. Já a professora Julia destacou a violência verbal no trato dos alunos com as professoras. “Na relação entre alunos e professores nota-se que a violência maior é a verbal”. A professora Josefina afirmou que a relação é satisfatória, considerando o contexto social em que a escola está inserida, dizendo que: “Na escola me parece satisfatório pois há uma compreensão do contexto social onde a escola está inserida”.

Analisando as colocações das professoras, percebe-se a naturalização das atitudes violentas, justificando que é normal para o contexto onde a escola está inserida. E muitas destacam que já estão acostumadas e que tais atitudes viraram hábitos, que estão se enraizando na cultura destes alunos.

A professora Eduarda acredita “que na maioria das vezes seja de atitudes pacíficas, porém já ocorreram fatos isolados de violência”, a relação entre alunos e professores. Para a professora Joana “é muitas vezes difícil, pois eles não aceitam o não como resposta”.

De acordo com pesquisas realizadas, sabe-se que existem formas de violência mais sutis e de menor visibilidade, mas nem por isso menos importantes, também fazem parte do cotidiano das instituições de ensino. Daí pode-se afirmar, também, que a instituição de ensino e os educadores podem ser considerados como possíveis agentes de violência, mediante ações como a imposição de conteúdos destituídos de interesse e de significado para a vida dos alunos, o precário conteúdo ministrado, a pressão a partir do poder de conferir notas, a ignorância quanto aos problemas dos alunos, o tratamento pejorativo, incluindo as agressões verbais e a exposição do aluno ao ridículo, no caso de incompreensão a algum conteúdo de ensino (GUIMARÃES, 1992).

5.4.3 Como é a relação entre alunos?

Questionadas sobre como é a relação entre alunos, todas as professoras do grupo consideraram que a relação não é boa, apresentando atitudes de violência entre os alunos, evidenciado nas suas respostas.

A relação interpessoal na escola se dá de forma agressiva por parte da maioria dos alunos. Eles resolvem seus problemas com muita violência, até mesmo na fala e no modo de se dirigir com os demais. (professora Duda)

Essa relação é normalmente conflituosa. (professora Eduarda)

A relação entre aluno x aluno a violência é verbal e física. (professora Julia)

Há bastante conflito pois, de maneira geral, eles entendem que devem responder à violência com mais violência. (professora Josefina)

Estes dados confirmam o diagnóstico inicial de alto índice de ocorrência com atitudes violentas entre os alunos.

5.4.4 Qual é o contexto sociocultural da escola?

Considerando que o contexto sociocultural tem uma importante influência nas relações interpessoais, e a importância do professor conhecê-lo, que destaco alguns pontos relevantes para a análise. Segundo a visão das professoras, a escola está inserida na periferia da cidade, com baixo índice escolar, população de baixa renda, alto índice de analfabetismo, famílias desestruturadas, crianças sem objetivos, adolescentes voltados para o trabalho informal, entre outros fatores mostram algumas causas para o aumento da cultura da violência. Constatações reforçadas nas palavras das professoras Gabriela e Josefina

Considero o contexto sociocultural da escola deficitário, pois apresenta pais com baixa escolaridade, grande parte dos alunos são carentes, não há lugar para lazer, ao redor da escola grande índice de violência (professora Gabriela)

É uma comunidade com vários problemas, carente sob vários aspectos e isso se reflete na escola. (professora Josefina)

A partir disso, podemos inferir que o papel do professor toma uma abrangência bastante significativa, na luta pela mudança da realidade social. Os professores demonstram conhecimento sobre a realidade do contexto escolar, mas ainda é necessário a consciência sobre o significativo papel que desempenham. Nas palavras de Paulo Freire (2014, p.45) “o homem que se conscientiza é aquele que aprende a pensar do ponto de vista da prática de classe que reflete, aos poucos, o trabalho de desvendamento simbólico da opressão e o trabalho político de luta pela sua superação”.

5.4.5 Como acontece a comunicação na escola?

As professoras foram questionadas sobre o que pensam a respeito da comunicação no ambiente escolar, instigadas a refletir sobre a qualidade desta comunicação e de que forma acontece. De acordo com a visão da professora Gabriela a “escola comunica-se bem com os alunos e a comunidade escolar, pois há ações diversas na escola com grande chamamento”, considera que a comunicação acontece satisfatoriamente através dos chamados que a escola realiza à comunidade para participar de atividades. A professora Julia considera que “a comunicação na escola acontece através de conversas informais, encaminhamentos a orientação escolar sempre comunicando os responsáveis”. Para a professora Eduarda “na

escola há pessoas envolvidas com os alunos, mas acredito que ainda seja uma relação imposta e autoritária” A professora Mariana respondeu que acontece “por meio do diálogo”.

Ao mencionar a palavra diálogo, dita pela professora Mariana, reporto-me a Freire que nos reforça sobre a importância do diálogo como prática da liberdade. “O diálogo é este o encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2014. p. 78).

5.4.6 Como a comunidade escolar participa do projeto pedagógico da escola?

Quanto a participação da comunidade na escola, as professoras consideram na sua maioria que não há efetivamente uma participação, consideram que “é muito difícil trazer a comunidade para refletir sobre a grande importância da educação”, “quando chamados à escola, responsáveis demonstram desconhecimento do valor da escolarização na vida futura das crianças.” (prof^a Duda). Segundo a professora Julia a comunidade escolar não tem interesse em participar do PPP da escola. “Não há interesse, mas são convidados sempre”.

Para finalizar foi realizada a avaliação, na qual as participantes expuseram sua opinião sobre as ideias e sugestões trazidas por esta oficina.

É sempre muito importante refletirmos sobre a cultura da paz, principalmente quando convivemos no nosso dia-a-dia num ambiente tão violento. Avante!(professora Duda)

É importante destacar que é um tema atual, que fomenta discussões relevantes socialmente, e nos permite estabelecer críticas com efeitos de compreensão sobre o processo cotidiano que deve ser a educação para a paz. (professora Josefina)

Ótimas, pois nos faz refletir sobre o cotidiano em que vivemos e avaliar o quanto ele nos induz a violência. (professora Gabriela)

Boa trazendo reflexões sobre o tema e apontando ideias para a promoção da paz no ambiente escolar. (professora Mariana)

São muito interessantes, mas é um processo muito demorado, pois as pessoas hoje estão mais motivadas a praticar a violência do que a paz. (professora Joana)

Muito boas como todas as outras. Estou adorando! (professora Eduarda)

5.5 Instrumentalizando a resolução não-violenta de conflitos

No dia 14/11/17 foi realizada a 5ª oficina de formação, a qual tinha como objetivo oportunizar uma nova visão sobre os conflitos na vida humana e sua forma de resolução e instrumentalizar para a prática da resolução não-violenta de conflitos. As professoras participaram com entusiasmo. Expuseram sobre casos e acontecimentos da sala de aula. No primeiro momento de acolhida e sensibilização foi realizada a dinâmica Proteja seu Balão, em que cada participante recebeu um balão para encher. Em seguida foi solicitado que

amarrassem os balões e o segurassem com a mão esquerda, e que colocassem a mão direita aberta para trás, onde foi colocado um palito de dente. A regra era proteger o seu balão e mantê-lo cheio até acabar o tempo de cinco minutos. Dado o sinal de início, os balões começaram a ser estourados pelas colegas com o palito de dentes. Ao final do tempo dado, nenhum dos balões permaneceu cheio.

Todas poderiam ter permanecido com os balões cheios se não usassem os palitos, pois a regra não era estourar os balões. Mas o espírito competitivo levou-as a furar os balões. Nesse espírito todos querem ganhar, não se preocupam em proteger o seu balão. O palito de dentes simboliza o conflito, nessa situação o objetivo é ganhar, não basta proteger, é preciso vencer e para vencer é preciso destruir o outro. Em seguida, foram realizadas reflexões a partir da dinâmica. As professoras agiram com o impulso de estourar os balões das colegas, algumas expressaram que se sentiram envergonhadas, pois agiram com ataque aos balões das colegas a fim de estourar, querendo ganhar como se fosse uma competição. A forma de proteger foi atacando, porque o outro esperava isso, mas esse é um paradigma que precisa ser desconstruído na mediação. Em lugar dele é preciso pensar no que podemos fazer juntos para solucionar o problema que nos envolve. Essa é a mudança de paradigma que deve ser feita, o conceito de quem ganha e de quem perde deve ser superado.

O segundo momento dedicado a percepção e aprofundamento do tema/problema, foi realizado o estudo, em grupos, do texto "Uma nova maneira de ver o conflito" com a tarefa de apresentar destaques ao texto e plenária.

A professora Leticia fez algumas considerações sobre atitudes negativas que observou nos alunos, após a realização de trabalhos sobre solidariedade. Contou que alguns alunos estavam articulando maldade para a aula do estagiário em seu período, mas ao mesmo tempo ao ser questionada se havia feito a mediação ou dialogado com a turma sobre o que estava presenciando, disse não ter realizado nenhuma interferência e ainda falou que teria que avisar a professora Eduarda para falar com os alunos, pois o trabalho foi realizado com ela. Penso que a professora demonstrou através de sua atitude total descompromisso com a formação de seus alunos, pois segundo Galtung o "conflito afeta a todos, por essa razão a resolução de conflitos diz respeito a todos". (GALTUNG *apud* GUIMARÃES, 2006 p. 347). Os professores precisam ter uma postura profissional diante das circunstâncias que se apresentam, pois os alunos são jovens adolescentes que ainda estão em formação.

A partir desta perspectiva, de acordo com as discussões de Habermas "a resolução de conflitos pode ser entendida como um espaço do exercício da razão comunicativa por

excelência, onde os envolvidos pretendem solucionar seus conflitos sem violência ou acertos ocasionais, mas sim através de um acordo mútuo” (HABERMAS *apud* GUIMARÃES, 2006, p. 347).

Maldonado (*apud* GUIMARÃES, 2006) define duas formas de resolução de conflitos, pelo consenso direto, em que as pessoas envolvidas tentam chegar a uma solução através do diálogo e reflexão, até chegar a uma decisão de comum acordo, sem nenhum se sobrepor ao outro, mas de forma respeitosa. E outra forma de resolução não-violenta de conflitos seria o consenso indireto, também conhecido como mediação, no qual acontece a negociação na presença de uma terceira pessoa, que exerce o papel de facilitador, ajudando a estabelecer uma comunicação entre as partes envolvidas até chegar em um acordo. “Ao mediador cabe conduzir o processo, adotando uma posição neutra e estabelecendo as principais regras das negociações, abrindo canais de comunicação, moderando o processo”. (GUIMARÃES, 2006, p. 348)

5.6 Fortalecendo pessoas para serem ativistas de não-violência

No dia 28/11/17 aconteceu a 6ª oficina de formação, com o objetivo de preparar pessoas para promover o protagonismo infanto-juvenil pela paz; oportunizar um maior conhecimento de suas próprias potencialidades a serviço da paz e discutir o papel do adulto junto ao protagonismo infanto-juvenil.

No primeiro momento de acolhida e sensibilização foi realizada a dinâmica levantamento das potencialidades e qualidades de cada um, individualmente e por escrito. Partilha em duplas. Um apresenta o outro dizendo: o poder e a força de N. é sua capacidade de... As participantes realizaram a dinâmica com envolvimento e conforme os depoimentos este momento foi bastante interessante, pois puderam refletir sobre seu próprio poder assim como o poder do outro. Assim como reconhecer em si e no outro o poder que possuem de forma a influenciar os outros no grupo.

Logo após, no segundo momento foi realizado a percepção e aprofundamento do tema/problema com o estudo, em grupos, do texto: “A educação para a paz como instância de empoderamento”, escrito por Marcelo Rezende Guimarães. Após a leitura, as professoras realizaram a plenária, trazendo suas ideias do texto e discutindo sobre situações vivenciadas no dia a dia em sala de aula.

No terceiro momento da oficina, caracterizado pela síntese do estudo, foi proposto o

trabalho a fim de conceituar as seguintes questões:

- que é protagonismo infanto-juvenil?
- qual o papel do educador junto ao protagonismo infanto-juvenil?

A seguir, descrevo as respostas das professoras a fim de fazer a análise reflexiva.

PROFESSORA	Que é protagonismo infanto-juvenil?	Qual o papel do educador junto ao protagonismo infanto-juvenil?
Belinha	É o modo de reconhecer positivamente o capital da juventude e valorizar a participação do jovem na elaboração, execução e avaliação das ações propostas por um determinado grupo, contribuindo nas relações da sociedade.	É o de deixar de ser o transmissor de conhecimento e passar a ser um colaborador e parceiro do jovem na descoberta de novos conhecimentos e na ação comunitária.
Duda	Protagonismo infanto-juvenil se dá quando a criança passa a ser o centro do processo. Ela opina, cria, avalia, descobre...	O papel do professor junto ao protagonismo infanto-juvenil é de orientador no processo de aprendizagem do educando.
Eduarda	Hoje os jovens são ativos na sociedade em que vivem. Eles pensam e agem por conta própria, porém, eles transmitem o que são, como estão sendo orientados a ser.	Orientar esses jovens não somente com palavras, mas com ações, com ideias que os coloquem como protagonistas de ações para a paz.
Gabriela	Entendo que protagonismo infanto-juvenil é o destaque que os jovens estão tendo na escola, família e sociedade, pois atualmente eles são mais ouvidos, são formadores de opinião e têm mais atuação nas mais diversas atividades.	Acredito que o papel do educador junto ao protagonismo infanto-juvenil é de incentivar e de se aproveitar disso, pois muitas vezes os jovens contribuem de forma positiva para o aprendizado de todos com opiniões sensatas, dúvidas a serem pesquisadas, críticas positivas e etc.
Helena	São, atos manifestos pelas pessoas de idade ainda tenras, ou seja, em formação, que tanto podem ser de paz, harmonia, tranquilidade, cumplicidade, agradável e acolhedor como podem ser de revolta, raiva, agressão tanto física quanto verbal tornando um ambiente vicioso, pesado, desagradável e hostil.	-----
Joana	O desinteresse, a falta de expectativa, sem visão de futuro.	Fazer com que eles vejam que todos nós temos um papel importante na construção do futuro.

Letícia	Protagonismo infanto-juvenil é o jovem empoderado, a criança, o adolescente com o poder da palavra e do ato.	O papel do educador é fundamental para a Cultura da Paz, que deve ser supervisionado e educado sistematicamente para a paz.
Mariana	-----	Tem papel fundamental tanto em seus atos tais como: maneira de ser, de falar de agir em determinadas circunstâncias com cada indivíduo, como em ações didáticas voltadas para cada grupo, incentivando sempre a participação de todos, a união nas tarefas, incentivando o companheirismo, as boas maneiras tão em falta nesse momento e tão essenciais, ressaltando sempre, como é prazeroso vivermos e estarmos em um ambiente onde há respeito, onde sabemos ouvir, respeitando o outro tanto em sua maneira de ser e como pensar, pois cada um de nós traz a sua bagagem e devemos respeitar o SER de cada um, embora nossos ideais não sejam iguais, pois cada um é um em sua totalidade. É algo fundamental nesse processo é o exemplo. Pois nossos alunos reproduzem aquilo que veem. Na verdade as palavras convencem mas o exemplo arrasta.
Nivia	Com base no que estudamos durante a oficina, na minha opinião, protagonismo infanto-juvenil é o perfil das nossas crianças e jovens de hoje. Ou seja, eles estão cada vez mais decidindo, colocando sua opinião, agindo, de acordo com aquilo que acreditam ou que desejam nas diversas situações.	O papel do educador entre outras coisas é, atuar como mediador, orientador e também como apoio a essas crianças e jovens. É também estar preparado para tal.

Esta oficina proporcionou o estudo e aprofundamento sobre o protagonismo infanto-juvenil na construção coletiva da cultura de paz na escola. Refletindo a partir do estudo do texto de Guimarães sobre a importância de “superar certas compreensões de paz como um ideal distante”, sendo necessário pensar a paz “como uma tarefa que está ao nosso alcance de cidadãos comuns e que todos temos o poder de operá-la”. Concluindo que a educação para a paz constitui-se segundo Guimarães (2006), em um esforço de empoderar as pessoas para trabalhar questões de guerra e de paz num sentido de influenciar e mudar as estruturas.

Uma educação que não efetiva o discurso e a ação, onde os sujeitos não são protagonistas, isto é, detentores da palavra e autônomos em seu agir, é uma

educação que perpetua e reitera a violência dentro e fora dela. Neste sentido, a educação para a paz necessita incorporar e tem muito que aprender com as diversas práticas democráticas que a educação desenvolveu nas últimas décadas. (GUIMARÃES, 2006 p. 358)

No momento final da oficina dedicado a avaliação, as participantes expuseram sua opinião sobre o encontro:

Minha opinião sobre as ideias, estudo e reflexões são ótimas. Só penso que as ações devem ser constantes, devem ser revistas e avaliadas. Precisamos ser mais sistemáticos em tudo. (professora Leticia)

Achei a oficina excelente pois me fez despertar para algumas ideias e atitudes que no fundo eu já sabia mas que estavam adormecidas. Também trouxe recursos, sugestões e discussões que me fizeram crescer e que vieram a me fazer repensar os conflitos do dia a dia tanto na escola como na minha vida como um todo. (professora Nívia)

Muito boa a oficina de hoje, levantamos questões importantes sobre o papel da escola e da família como influenciadores, e orientadores nas ações e reações dos jovens quando colocados em situações de conflitos. (professora Eduarda)

Ótimas, pois nos proporciona refletir sobre nossas experiências e nossos comportamentos e nos ajuda a ter uma nova visão sobre assuntos relacionados a nossa convivência. (professora Gabriela)

Foi muito bom poder refletir sobre como somos e como os outros nos enxergam. Novos conhecimentos a partir da leitura feita e sempre mais energia para trabalhar o tema. Somando cada vez mais! Adoro! (professora Duda)

São ótimas, fazem uma reflexão de determinadas ações dos educandos e também faz o professor se auto avaliar. Buscando assim aprimorar os professores aos novos desafios que serão enfrentados bem como atenuar os problemas já existentes. (professoras Mariana/Helena)

Formação muito válida! Tanto para o nosso trabalho na escola, quanto as situações vividas na atual realidade. Momentos de boas reflexões a cerca das ações de violência que ocorrem, mesmo quando pensamos não estar praticando e/ou sofrendo em nosso convívio. As leituras oportunizadas trouxeram muitos esclarecimentos, até mesmo despertando o gosto pela leitura e estudo. Deste trabalho surgiram muitas ações realizadas por alunos e professores. Ações de solidariedade e trabalho em grupo, mostrando que existe um grande senso humanitário presente em nosso meio. É um trabalho lindo e precisamos continuar e para tanto contamos com a tua ajuda professora Ivonete, nossa orientadora educacional, colega, amiga e companheira de tantas causas do bem. (professora Belinha)

São extremamente importantes, pois a violência nas escolas está cada vez maior, e devemos achar uma solução para essa situação. (professora Joana)

5.7 Encerramento com avaliação e partilha das repercussões

No dia 13/12/17, aconteceu a última oficina com a avaliação e partilha das repercussões. Foi um ótimo encontro, com a presença do professor Lucio Hammes. As professoras participantes do Curso falaram sobre suas impressões e sobre as repercussões na escola. Foi apresentado para as participantes um apanhado de fotos das atividades desenvolvidas durante o período do curso realizado pelas participantes com os alunos a luz do estudo realizado.

Após foi servido um coquetel com salgadinho e entregue uma plantinha com cartão de agradecimento de participação no curso e contribuições para a pesquisa. A seguir, o registro das participantes acerca da seguinte questão: O que modificou em tua prática como profissional com a participação no curso “Mediação de conflitos como estratégia de prevenção da violência na escola”?

Acredito que despertou-nos um olhar ainda mais cuidadoso para o tema em sala de aula. (professora Duda).

Aprendi que os conflitos devem ser observados, pensados, refletidos, discutidos em sala de aula e não ignorados. (professora Eduarda).

A partir das reflexões, discussões em grupo pude perceber que minhas ansiedades, preocupações também eram do grande grupo. Sei que este trabalho tem que ser contínuo e que depende de cada indivíduo ou situação para se ter uma atitude. (professora Julia).

Para a professora Gabriela, o curso proporcionou uma reflexão sobre suas práticas, suas formas de resolver conflitos em sala de aula e observar o comportamento dos alunos. E considerou muito importante o curso, pois é um meio para tentar resolver problemas de violência na escola.

O curso proporcionou uma reflexão sobre minhas práticas, minha forma de resolver conflitos em sala de aula e observar o comportamento dos alunos. (professora Gabriela)

A professora Helena colocou que o curso proporcionou reflexões sobre violência, causa de conflitos que ocorrem na comunidade escolar, visando proporcionar estratégias que possam controlar a violência e suas ações.

O curso nos proporcionou, fazermos reflexões sobre violência, causa e conflitos que ocorrem na comunidade escolar, visando proporcionar estratégias que possam controlar a violência e suas ações. (professora Helena)

Sobre a questão: Você acha importante desenvolver este estudo na escola? Todas as participantes consideraram importante, pois a cada dia aumenta o número de vítimas da violência e por isso tem que se trabalhar, procurar soluções para resolver ou amenizar estas situações.

Com certeza, é de suma importância desenvolver na escola, na comunidade um trabalho sobre a violência. (professora Julia)

Muito importante, pois é um meio para tentar resolver problemas de violência na escola. (professora Gabriela)

Sim, deveríamos desenvolver esse projeto todos os anos na escola, pois nossa escola apresenta uma grande necessidade da mediação de conflitos. (professora Helena)

Sobre a questão: Você acha que foi possível, a partir do Curso, distinguir as práticas decorrentes de um ambiente cooperativo, de um ambiente de coação para com os alunos? As participantes também consideraram em unanimidade que foi possível refletir sobre o assunto e destacar as diferenças de ambiente e sua influência nos relacionamentos.

Com certeza, essas práticas nos ajudaram a refletir sobre nossas ações, e sobre que ambientes estamos criando.(professora Eduarda)

Acredito que se pode ter uma noção melhor, clareou as ideias e assim podemos traçar novos caminhos, novas estratégias de trabalho com os alunos e melhorar a convivência, respeitando as diferenças. (professora Julia).

Sim, pois a temática discutida no curso esclareceu a diferença entre os ambientes. (professora Gabriela).

Sim, foi bem esclarecedora a diferença entre os diversos ambientes e tipos de violência praticadas. Tendo em vista que somos tanto geradores de paz quanto de violência. (professora Helena).

Com certeza, haja visto o interesse e boa vontade dos alunos em realizar a arrecadação de alimentos. Quando os alunos, ou qualquer outra pessoa é tratada com carinho e respeito o retorno sempre será positivo.(professora Josefina).

Sim, foi bastante clara a maneira como foi colocada cada situação evidenciando um ambiente agradável, acolhedor, participativo e com constante diálogo para com o grupo ou os grupos de um ambiente de austeridade e os resultados alcançados pelo primeiro. Evidenciou-se a supremacia de um ambiente agradável, acolhedor, participativo onde o diálogo é constante sobre um ambiente de austeridade.(professora Mariana)

Para finalizar, as participantes registraram suas opiniões sobre as consequências trazidas pela intervenção através do Curso.

As atividades realizadas a partir do curso foram muito criativas e demonstraram gestos solidários, reflexivos e de união em torno do tema. (professora Duda)

Acredito que o fator resultante mais importante é a iniciativa e abertura para discutirmos temas pertinentes ao nosso trabalho docente, dentro da escola. (professora Eduarda).

Durante o curso percebi o quanto é importante ter esses momentos de adquirir novos conhecimentos, discutir assuntos do dia a dia que fazem parte do nosso trabalho, que convivemos e parecem complicadas mas juntos podemos resolver ou amenizar a situação, que as vezes depende do grande grupo.(professora Julia).

A interação entre os professores, a exposição de problemas enfrentados em sala de aula, a procura para solucionar as dificuldades enfrentadas. (professora Gabriela).

Dialogar ainda é a melhor forma de partilhar sentimentos, opiniões e ações. (professora Josefina).

A consequência foi ótima, foi uma mudança de comportamento no nosso olhar sobre o aluno que também implicou em nos modificarmos. (professora Leticia).

A necessidade de práticas em sala de aula mais voltadas para o convívio, à aproximação de cada indivíduo. Faz-se necessário aulas menos conteudistas e mais

direcionadas para a convivência em grupo, as boas maneiras, a postura, o modo de se pronunciar e até mesmo o ir e vir dentro do estabelecimento. (professora Mariana)

Figura 11- Fotografia do grupo participante na oficina de encerramento



Fonte: material da pesquisadora.

6 ALGUMAS REPERCUSSÕES DA INTEVENÇÃO

Tão logo as professoras se apropriaram dos referenciais e compreenderam os objetivos da formação, dispuseram-se a elaborar projetos de educação para a paz e prevenção à violência, para executar com os alunos, os quais descrevo a seguir a síntese e sua execução pelos alunos e professoras.

6.1 Projeto cultura pela Paz

O projeto cultura pela paz foi planejado pelas professoras Duda e Helena do 5º ano e a professora Mariana, bibliotecária. O projeto teve como objetivos: Oportunizar no ambiente escolar atividades trabalhando o tema paz; possibilitar aos educandos reflexões sobre a paz, a harmonia, o amor ao próximo para convivermos em sociedade; trabalhar a paz com atitudes diárias no ambiente escolar.

As professoras elaboraram o projeto juntas e desenvolveram as atividades com a turma do 5º ano. Foi assistido o filme “Seleção Natural” juntamente com os alunos, em que puderam fazer uma análise do filme e uma reflexão sobre a importância da paz para que possamos conviver e nos relacionar em sociedade. O filme possibilitou aos alunos um vasto conhecimento sobre várias atitudes erradas que tomamos no nosso dia a dia desconstruindo a paz e ao mesmo tempo mostrou que podemos reconstruí-la.

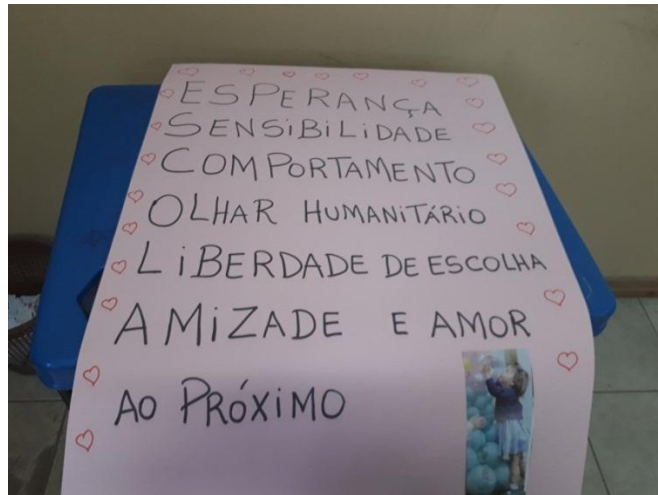
A seguir foram confeccionados cartazes em grupo, que foram distribuídos pelo ambiente escolar enfatizando o tema Paz. O projeto foi desenvolvido num período de três dias. As professoras e alunos demonstraram envolvimento na atividade.

Figura 12- Fotografia dos alunos da turma do 5º ano



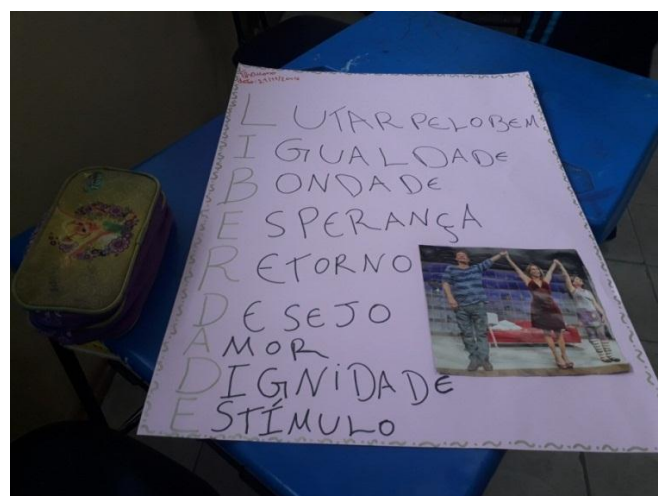
Fonte: Material da pesquisadora

Figura 13- Fotografia do material produzido pelos alunos



Fonte: Material da pesquisadora

Figura 14- Fotografia do material produzido pelos alunos



Fonte: Material da pesquisadora

6.2 Projeto paz e solidariedade

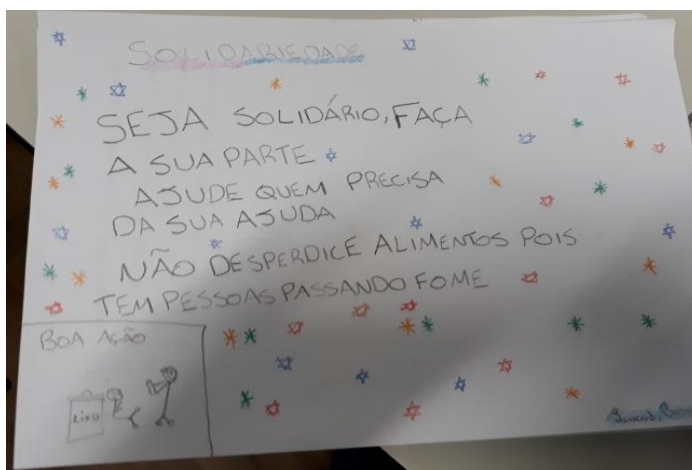
O projeto sobre a paz e a solidariedade foi elaborado pelas professoras Josefina e Eduarda para ser desenvolvido com os alunos das turmas de 6º, 7º, 8º e 9º anos, durante o período de 06/11/17 à 30/11/17, tendo como objetivos estimular a solidariedade; valorizar a cooperação; conversar, refletir e discutir sobre o tema Paz. Durante o desenvolvimento do projeto os alunos do 6º ano, juntamente com a professora Eduarda realizaram debate sobre o tema em sala de aula e, também, realizaram trabalho na biblioteca da escola, onde escreveram slogans e frases de conscientização para serem colocadas nos murais da escola.

Figura 15 - Fotografia dos alunos da turma do 6º ano



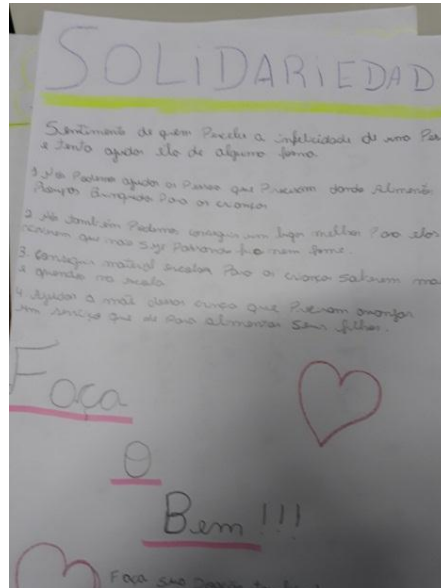
Fonte: Material da pesquisadora

Figura 16- Fotografia do material produzido pelos alunos



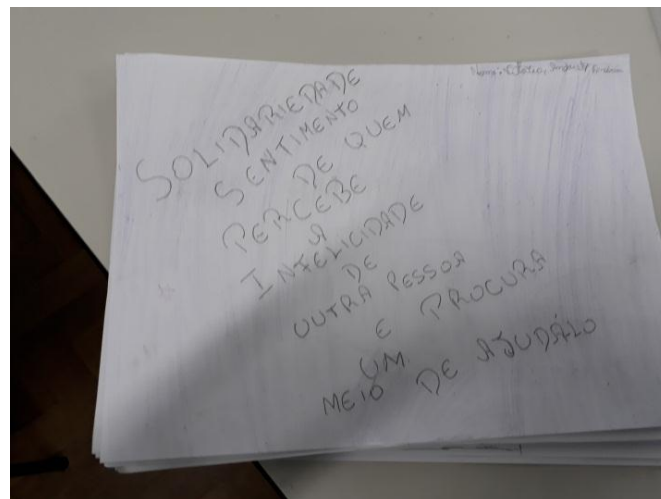
Fonte: Material da pesquisadora

Figura 17- Fotografia do material produzido pelos alunos



Fonte: Material da pesquisadora

Figura 18- Fotografia do material produzido pelos alunos



Fonte: Material da pesquisadora

Os alunos do 7º ano planejaram junto com a professora Josefina, uma ação solidária, em que solicitaram donativos de alimentos a fim de confeccionar cestas básicas a serem doadas às famílias com necessidades do entorno da escola. Esta ação foi realizada durante o período de execução do projeto.

No desenvolvimento das atividades, os alunos demonstraram entusiasmo e desenvolveram o senso de colaboração e união o que os aproximou em prol de um objetivo. Foi percebido que os adolescentes que antes envolviam-se em situações violentas, durante a realização da ação solidária demonstraram sentimento de fraternidade, o que vem ao encontro da concepção de paz, que segundo as discussões de Rayo (2004, p. 33), recomenda-se a promoção da educação e pesquisa no âmbito da paz como atividade que saliente “uma cultura de convivência e de participação, fundamentada nos princípios de liberdade, justiça, democracia, tolerância e solidariedade”.

Figura 19 - Fotografia dos alunos da turma do 7º ano



Fonte: Material da pesquisadora

Figura 20 - Fotografia dos alimentos arrecadados pelos alunos da turma do 7º ano



Fonte: Material da pesquisadora

Os mesmos alunos empolgados com a realização da ação sugeriram à professora que fizessem também uma rifa de uma torta doce a fim de arrecadar fundos para comprar alguns itens para complementar as cestas básicas que seriam entregues na ocasião que antecede o Natal, que foi realizado no início do mês de dezembro. Estas atividades promoveram a troca de experiência vivida pelos alunos e a construção de uma consciência solidária o que promoveu o sentimento de paz entre os alunos.

Uma ação semelhante foi desenvolvida pelos alunos do 8º ano, que se envolveram na arrecadação de brinquedos para doar às crianças carentes na festa de Natal que seria realizada na comunidade. Esta turma também demonstrou amadurecimento em seu comportamento e atitudes após as reflexões oportunizadas pelas professoras em relação a construção de um ambiente que promova a paz e a solidariedade. Segundo a professora Eduarda a iniciativa de fazer um Natal solidário para as crianças carentes partiu dos alunos, o que a deixou muito feliz, pois observou que os alunos ficaram empolgados com a ação e se organizaram sozinhos a partir das suas orientações.

Contagiados pelo envolvimento dos alunos na escola, a turma do 6º ano juntamente com a professora Gabriela organizaram outra ação solidária, na qual a proposta foi confeccionar um sachê que seria um presente para as idosas que vivem no asilo. Esta ação contribuiu muito para despertar o sentimento de carinho com os idosos que vivem longe de sua família.

Figura 21- Fotografia do material produzido pelos alunos da turma do 6º ano



Fonte: Material da pesquisadora

As demais professoras participantes do projeto trabalharam sobre o bullying, e situações de violência, buscando a construção de uma consciência de paz. Com isso, destacamos o proposto por Freire ao considerar

sobretudo de sua crença na educação e nos seres humanos, que deve começar pela conscientização dos problemas que, nós mesmos, antieticamente instalamos na convivência social. Diz a sua palavra com a ternura, a mansidão e a generosidade que caracterizaram sua presença pedagógica e ética no mundo. Com seu mais autêntico humanismo. (FREIRE, 2006, p. 387).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação de conflitos, assim como a violência na escola são temas de extrema importância e discutir sobre o assunto é sempre uma forma de crescimento, visto que cada dia se torna mais difícil a convivência e o dia a dia com pessoas, tanto alunos como professores, que apresentam tanta divergência de opiniões, atitudes, forma de agir em determinadas situações, etc. Com isso, acreditamos que uma parada pode ser fundamental no processo de docência para “discutir” os temas e juntos encontrar a melhor forma de lidar com situações que exigem auto controle, maturidade e principalmente uma postura adequada que todos sabemos que não é nada fácil.

A partir da pesquisa e intervenção foi possível desencadear ações importantes e significativas para o contexto da escola. Possibilitou despertar um novo olhar sobre os conflitos entre os sujeitos e a forma de resolvê-los. No final do ano de 2017, os registros de ocorrências entre as turmas de 5º a 9º anos apresentaram redução significativa, permitindo considerar como uma influência positiva das ações desenvolvidas com os alunos a partir do Curso.

Os ensinamentos de Freire (2014, p. 79) são atuais: “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda”. Tais ideias mostram a importância da amorosidade na tarefa educativa com o objetivo da superação e conquista da libertação dos homens no mundo.

Portanto, a partir da pesquisa é possível considerar:

- a necessidade de estudo e aprofundamento do tema para as professoras da escola;
- o índice de situações violentas diminuiu quando os alunos se envolvem em atividades solidárias;
- atitudes dos próprios professores podem ser consideradas promotoras de conflitos com resolução violenta;
- a formação foi esclarecedora para diferenciar os diversos ambientes e tipos de violência praticadas, tendo em vista que somos tanto geradores de paz quanto de violência.

Assim finalizo este relatório crítico reflexivo com as palavras de Jares reescrita por (GUIMARÃES, 2006, p. 357).

Se a violência constitui-se como uma forma de expressão dos que não têm acesso à palavra, como a crítica mais radical à tradição autoritária, de forma que quando a palavra não é possível, a violência se afirma e a condição humana é negada, um dos primeiros caminhos para prevenção e contraposição à violência é a democratização da palavra, a oportunidade da expressão das necessidades e reivindicações do sujeitos, a criação de espaços coletivos de discussão e a sadia busca do dissenso e da diferença, enfim, pela mudança das relações educacionais, ainda estruturadas no mandar e obedecer, para uma forma mais democrática, enfim, por aprender a dizer a sua palavra, palavra que cria consenso e diálogo. Definitivamente, violência tem a ver com democracia e violência na escola relaciona-se diretamente com a prática democrática no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 47, 1998.

ASSIS, Simone Gonçalves de. (org.) **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro. Ministério da Educação. Editora FIOCRUZ, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 5 de Out. de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 05 Nov. 2016.

BRASIL. Decreto nº 72.846, 26 de setembro de 1973. **Regulamentada a Lei n.º 5.564, de 21 de dezembro de 1968, que provê sobre o exercício da profissão de orientador educacional**. Diário Oficial, Brasília, DF, 27 set.1973. Seção 1, p. 9746.

BRASIL. **LEI N.º 14.030, DE 26 DE JUNHO DE 2012**. (publicada no DOE nº 123, de 27 de junho de 2012)

BRASIL. Lei nº 13005 de 25 de Junho de de 2014. **Plano Nacional de Educação - PNE**. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm>. Acesso em: 26 Out. 2016.

BRASIL. Lei nº 8069 de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 05 Nov. 2016.

BRASIL. Lei nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em:<www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 26 Out. 2016.

BRASIL . Lei nº 14.705, de 25 de junho de 2015. **Institui o Plano Estadual de Educação – PEE**.

BRASIL . Lei nº 6.151, de 25 de Junho de 2015. Aprova o **Plano Municipal de Educação. PME-Jaguarão**.

BRASIL . Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. **Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**.

BRASIL. **Resolução CNE/CP Nº 1**, de 30 de maio de 2012 - Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Disponível em portal.mec.gov.br

CANDAU, Vera Maria et al. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos** . 2ª ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.

CHRISPINO, Álvaro. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007.

CHRISPINO, Álvaro. Uma proposta de modelagem de política pública para a redução da violência escolar e promoção da Cultura da Paz. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 597-624, out./dez. 2008

DAMIANI, Magda Floriana; ROCHEFORT, Renato Siqueira; CASTRO, Rafael Fonseca de; DARIZ, Marion Rodrigues; PINHEIRO, Silvia Siqueira. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel**. Pelotas, n. 45, p. 57-67, jul./ago. 2013.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>

DIGIÁCOMO, Murillo José. Violência nas escolas: sugestões para o enfrentamento do problema. **Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente**, 2016. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=830> Acesso: out. 2017.

FALKEMBACH, Elza Maria F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Contexto & Educação**. Ijuí, RS, v.. 2, n. 7, jul./set., 1987.

FERNÁNDEZ, Isabel. **Prevenção da violência e solução de conflitos**: O clima escolar como fator de qualidade. São Paulo: Madras, 2005.

FERNÁNDEZ, Alícia. **Os Idiomas do Aprendente**: Análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, Ana Maria Araújo (Nita). Educação para a paz segundo Paulo Freire. **Educação**. Porto Alegre – RS, ano XXIX, n. 2 (59), p. 387 – 393, Maio/Ago. 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/449>>. Acesso: maio 2018.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia** – o cotidiano do professor. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014

GIACAGLIA Lia Renata Angelini; PENTEADO, Wilma Milani Alves. **Orientação Educacional na prática**: princípios, técnicas, instrumentos. 3. ed. São Paulo: Pioneira,1997.

GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin. (org) **A Orientação Educacional**: conflito de paradigmas e alternativas para a escola. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GUIMARÃES, Rezende Marcelo. A educação para a paz como exercício da ação comunicativa: alternativas para a sociedade e para a educação. **Educação**. Porto Alegre – RS,

ano XXIX, n. 2 (59), p. 329 – 368, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/447> Acesso: mar. 2018.

GUIMARÃES, Rezende Marcelo. **Aprender a educar pela paz**. Goiás: Ed. Rede da Paz. Brasil. 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JARES, Xesús R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LÜCK, Heloísa. **Gestão do clima e da cultura organizacional da escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: _____. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986, p.25-44.

MALDONADO, Maria Tereza. **Os construtores da paz: caminhos da prevenção da violência**. São Paulo, Moderna, 1997.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PIAGET, Jean. **Coleção Educadores-MEC**, ISBN 978-85-7019-546-3. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4676.pdf>

RAYO, José Tuvilla. **Educação em Direitos Humanos. Rumo a uma perspectiva global**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2002

SELAU, Bento; HAMMES, Lúcio Jorge. **Educação Inclusiva e Educação para a Paz: relações possíveis**. São Luis/MA: EDUFMA, 2009, 112p. il.

SILVA, JMAP., SALLES, LMF. (orgs.). **Jovens, violência e escola: um desafio contemporâneo** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 182 p. ISBN 978-85-7983-109-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 73, Dezembro/00. Disponível em: lct.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/saberes,%20tardif.pdf. Acesso: jan. 2018.

UNESCO, **Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz** -Associação Palas Athena.1999.

APÊNDICES

APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**PROJETO DE PESQUISA
UNIPAMPA/JAGUARÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO**

TÍTULO DA PESQUISA: Intervenção pedagógica para enfrentar a violência no meio escolar

Mediação de conflitos escolares como estratégia de prevenção da violência na escola

Eu, _____, _____ anos,
portador/a do RG _____, residente na
rua/número/cidade _____,

abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para a realização da pesquisa citada, sob a responsabilidade de Ivonete Afonso Jodar, da Universidade Federal do Pampa.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

O objetivo da pesquisa é construir estratégias para mediar os conflitos no contexto escolar. Por isso propõe: a) Possibilitar uma reflexão sobre a problemática da violência social e no meio escolar;

b) Incentivar a busca coletiva de alternativas de superação à violência em meio escolar;

c) Destacar as ações cooperativas na escola e a superação da violência;

d) Propor diferenciar as decorrências de um ambiente cooperativo de um ambiente de coação para com os alunos; e) Instrumentalizar para a prática da resolução não-violenta de conflitos.

2- Estou ciente de que os resultados desta pesquisa serão divulgados (em forma de textos, imagens e exposições orais) através de publicações em periódicos especializados, apresentação em eventos de Educação em geral e nada disto, nem mesmo minha participação neste estudo, resultam em pagamento para minha pessoa;

4- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;

5- Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa, em todos os momentos da pesquisa.

6- Minhas informações pessoais serão mantidas em sigilo e os resultados gerais obtidos serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima;

7- Poderei entrar em contato com o pesquisador acadêmico responsável pela pesquisa, Ivonete Afonso Jodar (53-984662340), sempre que julgar necessário;

8- Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

Jaguarão, ____ de _____ de 200__.



Nome e assinatura do professor orientador

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data

